

almandrade

50 anos de arte

SP-Arte 23

29 de março

a 2 abril de 2023

Pavilhão da Bienal,
Parque Ibirapuera,
São Paulo
Stand C2

Esculturas que são objetos pintados, planos e formas articulados. Pinturas que desejam sair da parede e ocupar o espaço como as esculturas. Coisas diferentes das outras coisas que existem por si mesmas. Aceitar as suas provocações é participar de seu jogo secreto que faz o olhar pensar e brincar.

Almandrade

almandrade

Jogos secretos

Em julho de 1995, Almandrade teve a grata surpresa de receber uma correspondência de Décio Pignatari, enviando a ele um “enorme textinho”, que viria a ser publicado no Jornal *A Tarde*, no dia 2 de setembro do mesmo ano. No texto, quase um poema, reproduzido na íntegra neste catálogo, assim como a simpática carta do autor, o crítico define a obra do artista como “nudismo abstrato”. Mestre da poesia concreta no Brasil, ele aponta, com aguda precisão e instigante jogo de palavras, algumas características da produção de Almandrade, entre elas: **“as criações e criaturas sígnicas, que hesitam entre a bi e a tridimensionalidade; a parcimônia franciscanamente contundente dos objetos; as graciosas construções-instalações não habitáveis, amostras quase- Duchampescas, quase- vandoesburguesas de um ex-Éden artístico, onde a provável ironia embutida não passa de meio-sorriso.”**

A fina ironia e a criação sígnica indicadas por Pignatari já estão presentes na escolha do acrônimo Almandrade, criado pelo artista a partir de seu nome de batismo, Antônio Luiz Morais de Andrade, cujas iniciais formam a palavra A.L.M.A. Artista plástico,

arquiteto, mestre em desenho urbano, poeta e professor de teoria da arte, Almandrade nasceu em 1953, em São Felipe, BA, e iniciou seu trabalho em Salvador, na década de 1970, nos difíceis tempos da ditadura, revestindo sua obra de caráter político, mas conseguindo o delicado equilíbrio entre geometria, poesia e contundência. Segundo Alexandre Gomes Vilas Boas: **“Almandrade é um pioneiro da Arte contemporânea na Bahia, causando grandes transtornos em Salvador, durante os anos 1970, com sua ácida carga poética e sua atuação questionadora diante das sisudas instituições locais”**. O artista teve uma formação solitária, criando uma poética particular, fundamentada a partir dos seguintes eixos: a poesia tradicional e as experiências visuais da Poesia Concreta, as experimentações desenvolvidas pelo Poema Processo, a arte construtiva e a arte conceitual. Sua pesquisa, desenvolvida à contracorrente da arte baiana do período, conversa de perto com a produção paulista e carioca, concreta e neoconcreta. Apesar da afinidade, e de encontros confortadores com Augusto de Campos, Décio Pignatari, Hélio Oiticica e Lygia Clark, entre outros, nos quais viu seu mérito reconhecido, Almandrade nunca deixou de residir em sua terra de origem, sentindo na pele as consequências de não viver no eixo Rio-São Paulo. Nem todas negativas, pois sua independência propiciou ao artista desenvolver de modo original a síntese proposta pelas vanguardas.

Faço parte de uma geração espremida entre o AI-5 do final da década de 1960 e a chamada abertura política, no início dos anos de 1980. Quase sem possibilidade de expor ou publicar alguma coisa, vivendo numa cidade provinciana, conservadora nas questões de ordem estética, como Salvador, me concentrei na experimentação da linguagem, como um fazer solitário de laboratório e na busca de suportes conceituais em outras áreas do pensar, mas sem perder o foco. Sem um embate direto, parti do princípio de que a política da arte é transformação da linguagem, ampliação de repertório para driblar a censura e buscar atritos com o meio cultural.

Apesar das dificuldades apontadas, Almandrade, na década de 1980, participa do circuito de arte nacional, expondo, entre outros, no Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro, no Salão Paulista de Arte Contemporânea, São Paulo, na I Exposição Internacional de Esculturas Efêmeras, Fortaleza, na I Mostra Internacional de Poesia Visual de São Paulo, e, em 1987, é convidado a participar da exposição: *Em Busca da Essência: elementos de redução na arte brasileira*, realizada no contexto da emblemática 19ª Bienal Internacional de São Paulo. A mostra era parte integrante do projeto geral do evento, que discutia a fragmentação das artes naquele momento, mostrando a convivência das mais diversas tendências sob o conceito **“Utopia versus Realidade”**. Debruçando-se sobre a questão da redução, da **“arte pela arte”**, a exposição propunha a imediata associação dessa vertente à Utopia.

Aos 34 anos, vivendo fora do eixo Rio-São Paulo, Almandrade se reunia assim a um elenco de artistas muito reconhecidos, entre eles, Arcangelo Ianelli, Amílcar de Castro, Eduardo Sued, Franz Weissmann, Sérvulo Esmeraldo e Willys de Castro. Apresentando Almandrade, no catálogo da mostra, dizia a curadora Gabriela S. Wilder: **“O espaço é o campo de trabalho de Almandrade. Articulado através do jogo de planos, cores, justaposição de objetos. O domínio do espaço é a sua busca. (...) Cerebral, com traços de ironia e ludicidade, cria objetos espaciais que articulam planos e tensões com surpreendentes desequilíbrios e constante relação com o espaço em que se apresentam”**.

Uma visão similar da obra do artista seria adotada por Clarissa Diniz e Paulo Herkenhoff, curadores da exposição *Zona tórrida – certa pintura do Nordeste*, realizada no Recife Santander Cultural, em 2012. A precursora mostra escancarava o **“etnocentrismo e a incapacidade da historiografia brasileira de dar conta da contribuição para o contexto construtivo e conceitual de nossa arte, de artistas do Nordeste, como Sérvulo Esmeraldo, José Tarcísio, Montez Magno, Paulo Bruscky e Raul Córdula, dentre muitos outros”**, e assim comentava a obra de Almandrade:

Oriundo da poesia visual e do poema processo, na Salvador de meados dos anos 1970, o artista dá início às suas incansáveis investigações, travando uma relação de ambiguidade semântica com o espaço. Em muitas de suas pinturas, esculturas, objetos ou diagramas, a espacialidade será a base sobre a qual Almandrade problematiza a relação entre significante e significado, constituindo experiências espaciais cujo instável equilíbrio físico de tantas vezes é o eixo sobre o qual se desequilibram os sentidos.

Ao longo dos 50 anos de sua carreira Almandrade se apropria das mais diferentes mídias: poemas, poesia visual, instalação, pintura e desenho, transitando com igual domínio entre elas, e usando com a mesma maestria o espaço, a linha, a palavra, o preto e branco e a força da cor. Em sua obra estão presentes os trabalhos de cunho político e comportamental, realizados com extrema precisão e sutileza, desequilibrando verdades, objetos que desafiam o olhar do espectador com polida ironia, pinturas e objetos em madeira com mensagens secretas, peças rígidas de intenso cromatismo, exatas, mas calorosas, remetendo ao singelo concretismo das fachadas nordestinas.

Esse tipo de visão múltipla, lúcida e lúdica, rascante e fluida, rigorosa e sensível, que caracteriza a produção de Almandrade, só tem par na arte brasileira na obra de Willys de Castro. Teórico extremamente preciso de sua própria obra, como o é Almandrade, assim escreveu Willys sobre seus *Objetos Ativos* na apresentação do catálogo de exposição na Galeria Aremar, em 1960.

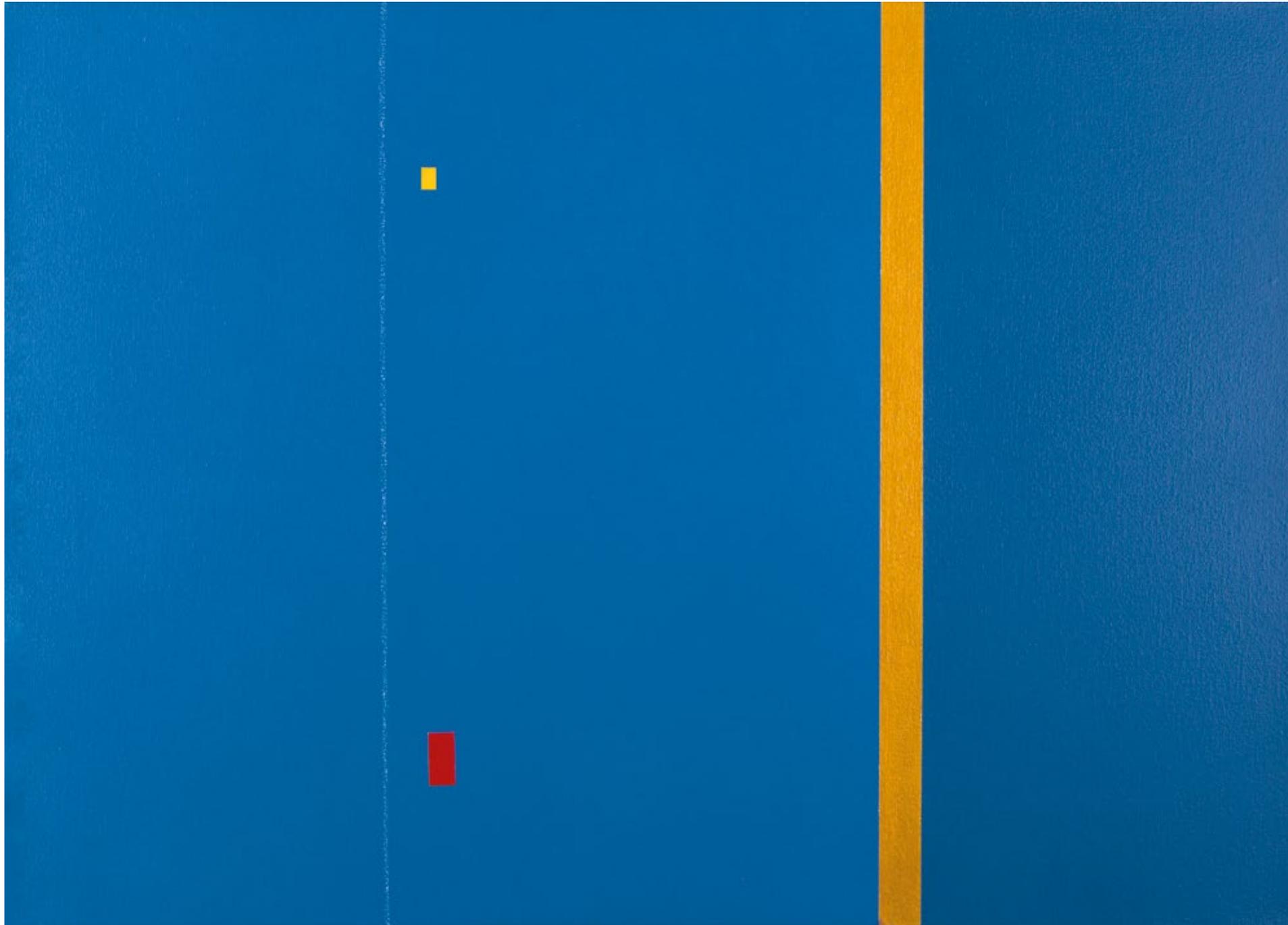
(...) A nova obra não é estanque, ela translada os seus significados para o espaço circundante, estabelecendo topicamente novas relações e concordâncias, pois, sem recorrer às referências exteriores, ela coleta de si mesma os dados necessários à sua comunicação, retirando-os parte do real e parte do virtual. Esse novo objeto,

investido de tal atividade, torna-se um inteiro caracterizado pela sua autonomia e unicidade, e, por isso, altamente diferenciado das obras convencionais. Contendo eventos dentro de seu próprio tempo - iniciados, transcorridos, findados, reiniciados etc. - e ali demonstrados clara, fluente e indefinidamente, ele inaugura-se no mundo como um instrumento de contar a si próprio.

Não por acaso é imediata a conexão com a epígrafe de Almandrade: **o instrumento de contar a si próprio é o jogo secreto que nos provoca.**

Denise Mattar

curadora

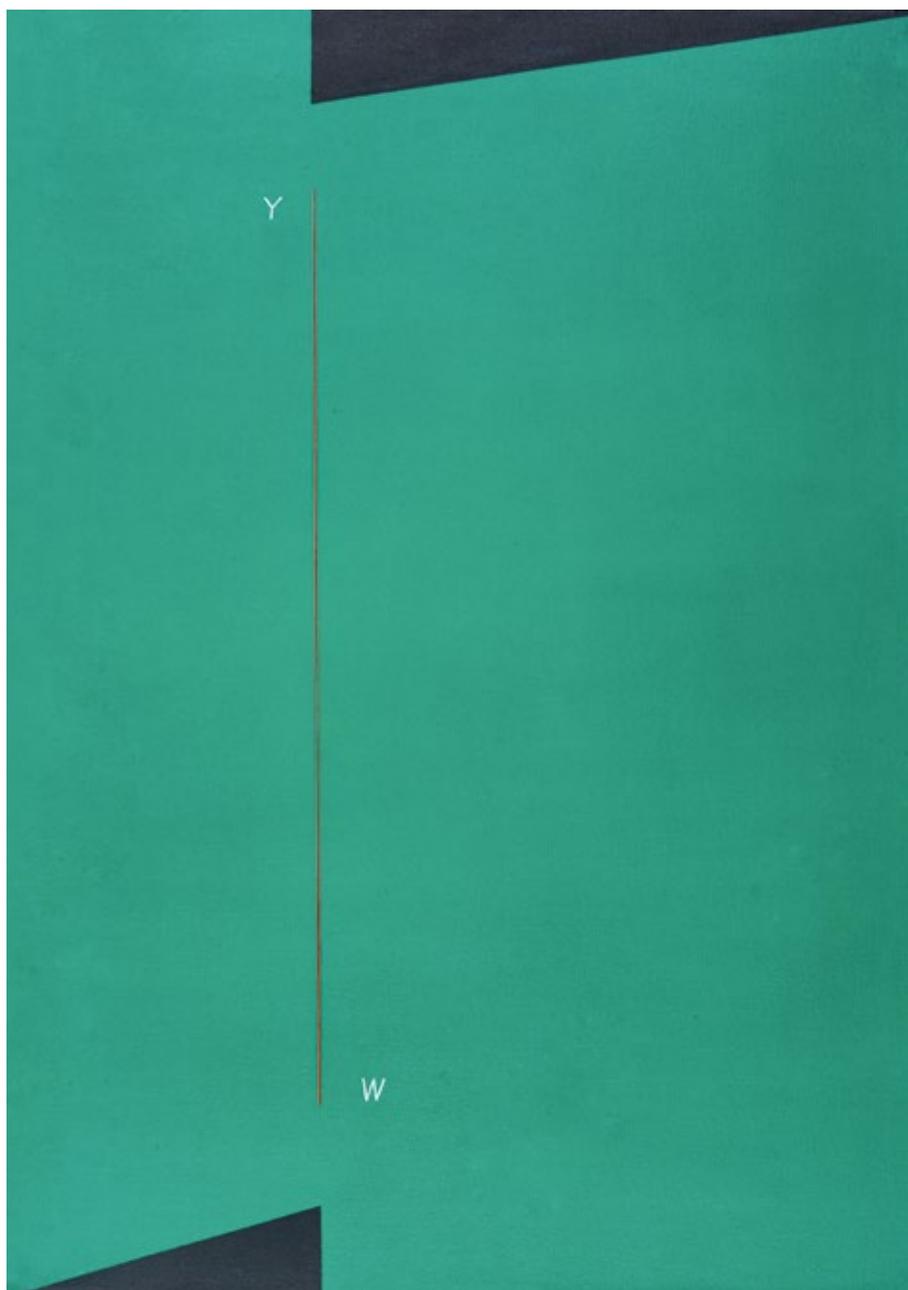


s/ título

2002

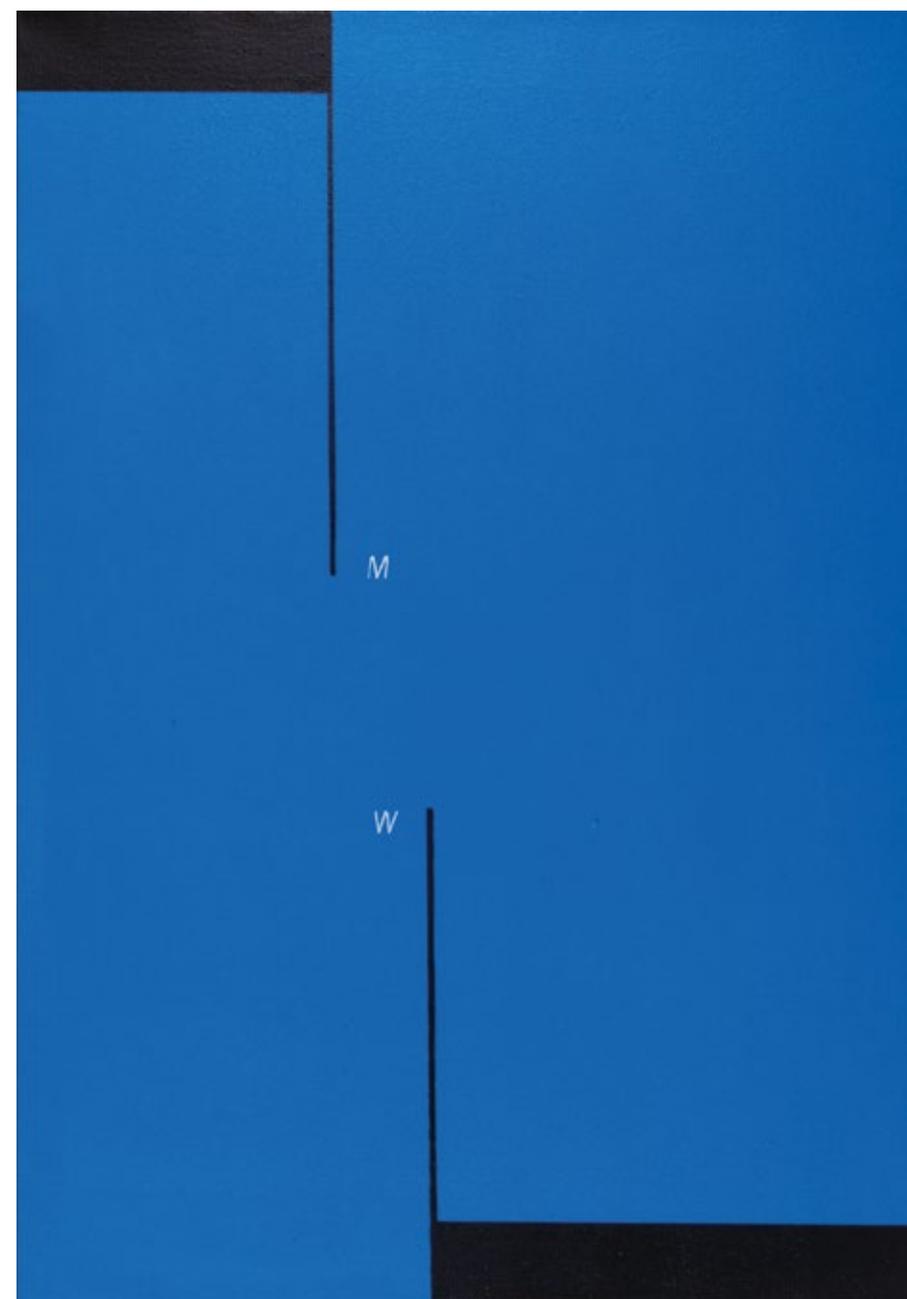
acrílica sobre tela

50 x 70 cm



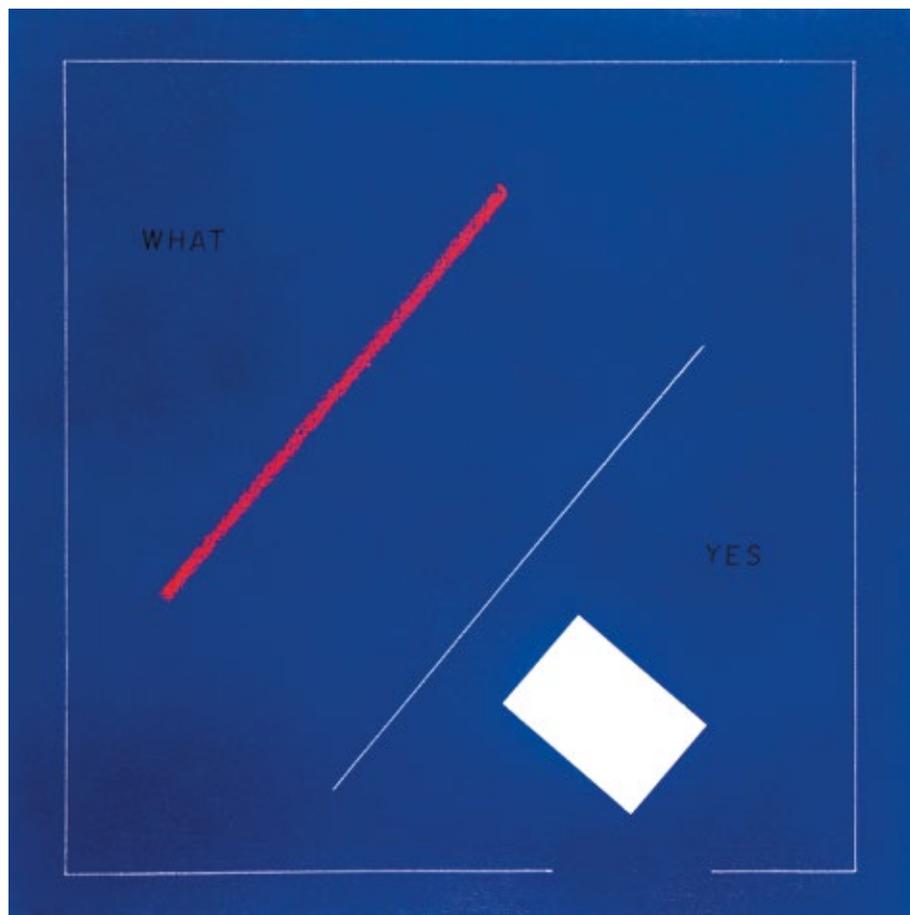
jardim de inverno

1978/1988 • acrílica sobre tela • 70 x 50 cm



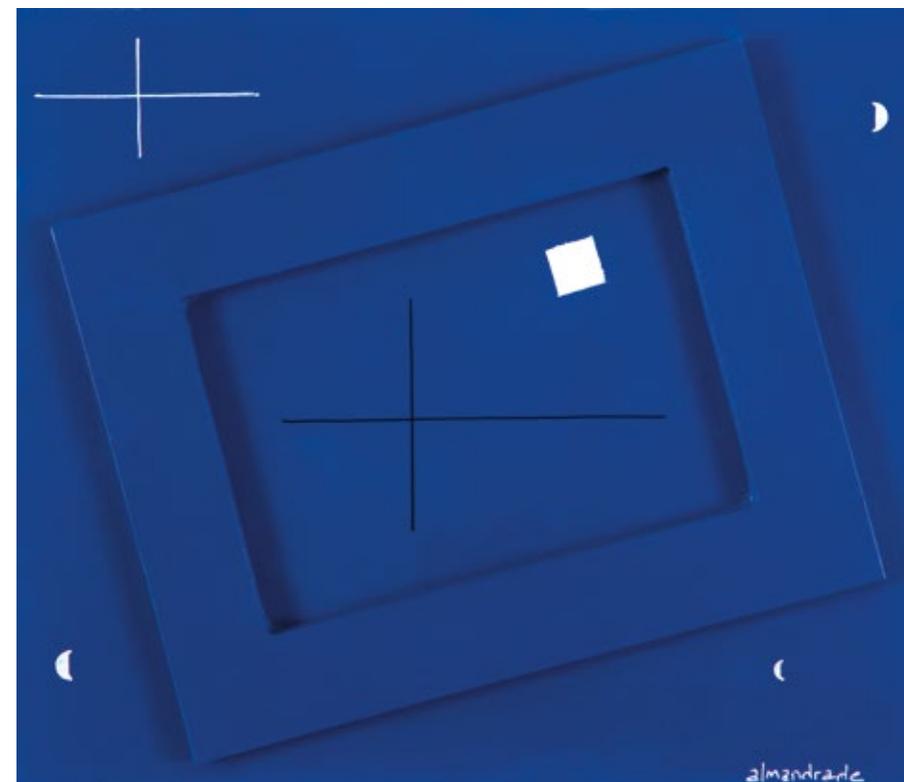
paisagem moderna

1978/1988 • acrílica sobre tela • 70 x 50 cm



what?

2019
acrílica sobre tela
60 x 60 cm



s/ título

2003
objeto - acrílica sobre placa de eucatex
30 x 35 x 2 cm



memórias da década de 70

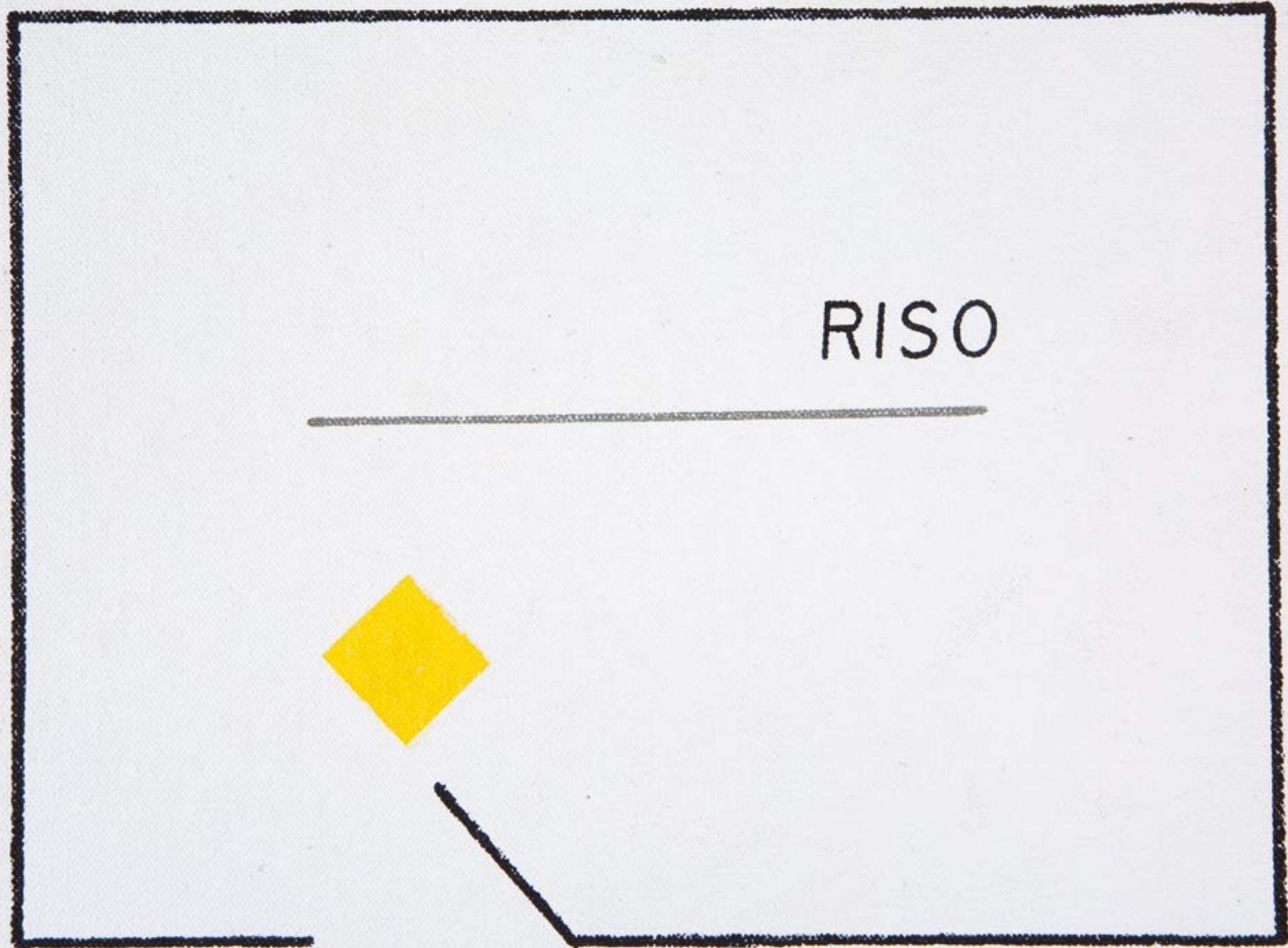
1982 ▪ objeto: capa de caderno, acrílica s/ madeira e rolha
edição única ▪ 20 x 20 x 15 cm



burocracia

1978 ▪ objeto em madeira, acrílica e carimbo ▪ 8,5 x 14 x 6,5 cm





s/ título

1979

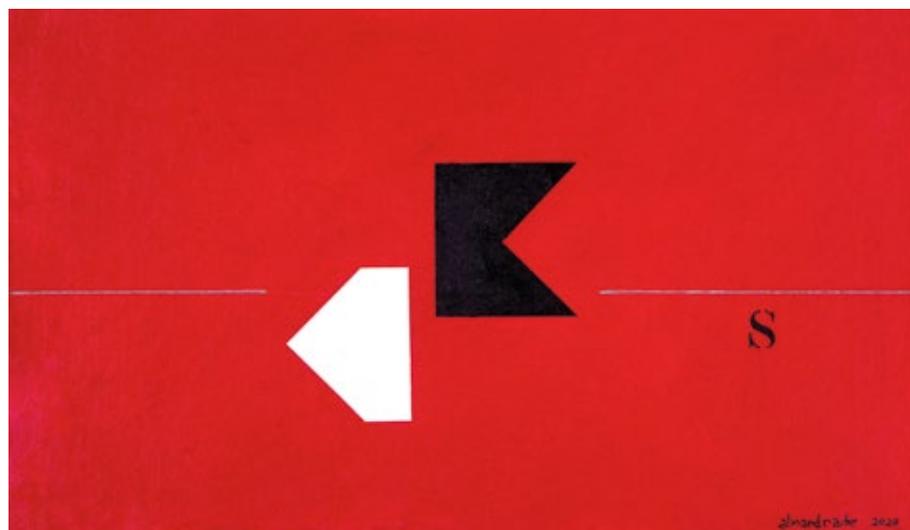
acrílica sobre tela

27,5 x 36,5 cm

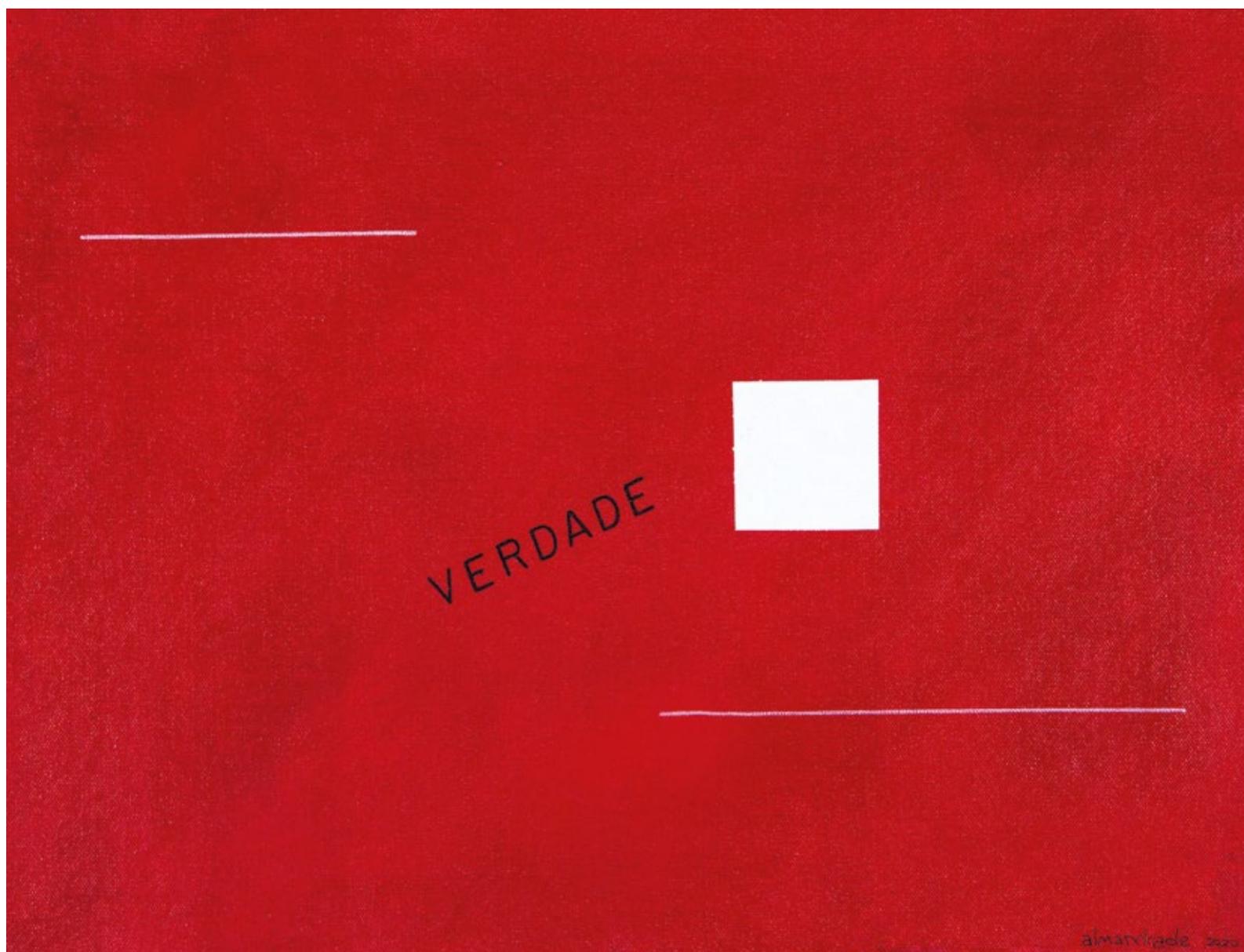
Almandrade 1979



s/ título
1979 • acrílica sobre tela • 28 x 50 cm



da série quarentena 3
2020 • acrílica sobre tela • 35 x 60 cm



s/ título

2020
acrílica sobre tela
38 x 50 cm



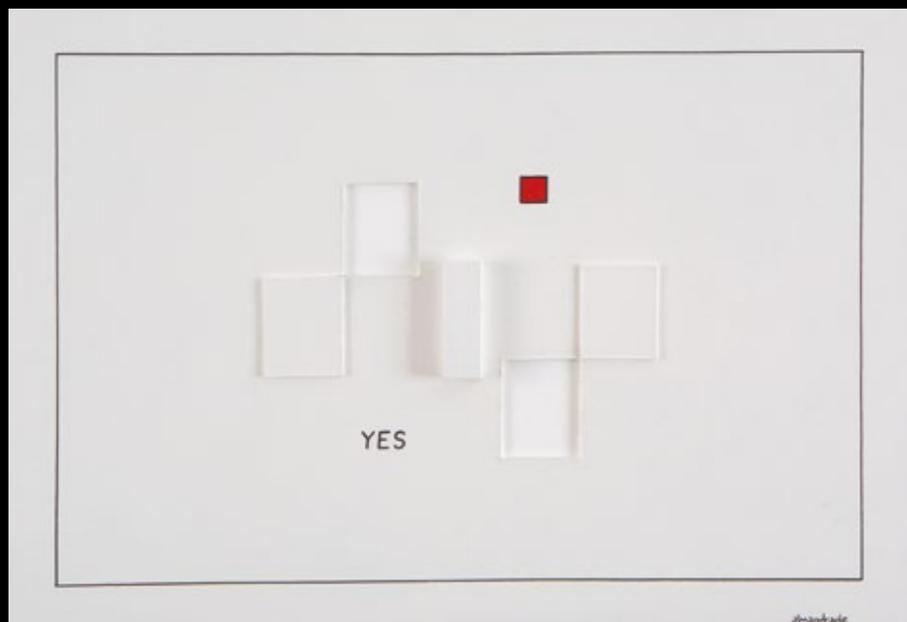
relevo

2013 • objeto - acrílica sobre placa de eucatex • 60 x 40 x 2,5 cm



relevo

2011 • objeto - acrílica sobre placa de eucatex • 60 x 40 x 5 cm



relevo

2012

acrílica sobre eucatex

40 x 60 x 2,5 cm



relevo

1990

acrílica sobre eucatex

66 x 31 x 2 cm



s/ título

2016 • escultura em aço corten pintado • 100 x 100 x 50 cm

Décio Pignatari
Av. Giovanni Gronchi, 8675 - Ed. Salvador I - Apt.º 11
05724-005 - São Paulo - SP
Tels.: 864.2174 - 818.4577

Caro Alma:

desculpe esta demora indecente: é que, carregando meus papéis, livros, arquivos praca-pralá como um camelo, extraviaram-se os documentos que você mandou (e eu mergulhado na produção de dois livros!).

Achei o material, liberei-me dos livros, aprontei este enorme textinho que, espero, lhe agrade e ainda possa ser útil.

Foi um prazer fazê-lo.

Será um grande prazer revê-lo!. Escreva-me.

Ando recluso. Vou passar duas semanas no meu adorável mato de Valdevinos, às margens do rio Jaguari, entre 600 verdes, a luz dourada do inverno paulista e o maravilhoso vazio dos meus sentimentos e/ou das minhas idéias. Como vão os amigos - Erthos (que se calou), Cajazeiras (que não vejo há séculos?)

Grande abraço:

R. Dr. Homem de Melo, 697 - ap. 5103

05007-001 São Paulo, SP (Fone: 65-5538)

(11)

A persistência do Nudismo Abstrato

Pensei em elementarismo, despojamento, abecedarismo geométricos, mas acabei por optar pela ideia de nudismo abstrato, para tentar caracterizar a postura e a impostação de Almandrade ante suas criações e criaturas sígnicas que hesitam entre a bi e a tridimensionalidade, em duas ou três cores, em duas ou três texturas.

A parcimônia desses objetos franciscanamente contundente, desenhados, designados (designed), compostos segundo uma grafia de cartilha, porém enganosamente simplificada e simplista, posto que metafísica.

Criam um campo significativo que parece rechaçar instruções extratexto, mesmo quando inclui algum elemento metafórico *in memoriam* Dadá.

Meteoritos geométricos do pensamento, taquigrafia precisa de uma claríssima visão cuja totalidade se ofuscou, indício e impressão minimal de um evento artístico-mental ocorrido no panorama ecológico da arte do século XX, como um pássaro em extinção, aparição de ordem inegavelmente metafísica, essência e forma divinas (diria Baudelaire) do pássaro nu da poesia e de seus amores descompostos.

Um nudismo Proun (El Lissitsky) nos trópicos, lembranças metonímicas do paraíso, graciosas construções-instalações não-habitáveis, amostras quase- Duchampescas, quase-vandoesburguesas de um ex-Éden artístico, onde a provável ironia embutida não passa de meio-sorriso.

Esses seres correta e rigorosamente nus, o olho os colhe por inteiros, como objetos cabíveis num bolso. E há música neles, mas não é sequer de câmara – é de cela, nicho e escrínio: são microtonais, minideogramas sólidos à Scelsi.

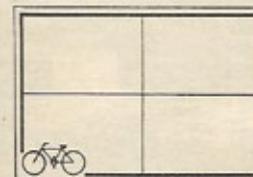
O Almandrade capricha nas miniaturas de suas criaturas, cuja nudez implica nudez, límpido limpamento do olho artístico, já cansado da fantástica história da arte deste século interminável, deste milênio infinito.

Décio Pignatari (1995)

Publicado no Jornal *A Tarde*, Salvador (BA), em 2 de setembro de 1995.

ALMANDRADE

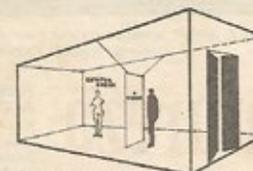
Persistência do nudismo abstrato



signados (designed), compostos segundo uma grafia de cartilha, porém enganosamente simplificada e simplista, posto que metafísica.

Criam um campo signifiante que parece rechazar intrusões extratexto, mesmo quando inclui algum elemento metafórico in memoriam Dada.

Meteoritos geométricos do pensamento, taquígrafia precisa de uma claríssima visão cuja totalidade se ofusca, indício e impressão minimal de um evento artístico ocorrido no panorama ecológico da arte do século XX, como um pássaro em extinção, aparição de ordem inegavelmente metafísica, essência e forma divinas (diria Baudelaire) do pássaro nu da poesia e de seus amores decompostos.



Anotações para uma fenomenologia do olhar. Desenho e instalação de Almandrade, que teve sua obra analisada por Décio Pignatari.

DÉCIO PIGNATARI

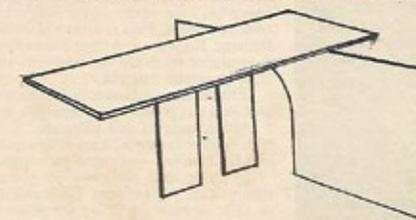
PENSEI EM elementarismo, despojamento, abecedário geométrico, mas acabei por optar pela idéia de nudismo abstrato, para tentar caracterizar a postura e a impositação de Almandrade ante suas criações e criaturas signicas que hesitam entre bi e a tridimensionalidade, em duas ou três cores, em duas ou três leituras.

A parcimônia desses objetos é franciscanamente contundente, desenhados, de-

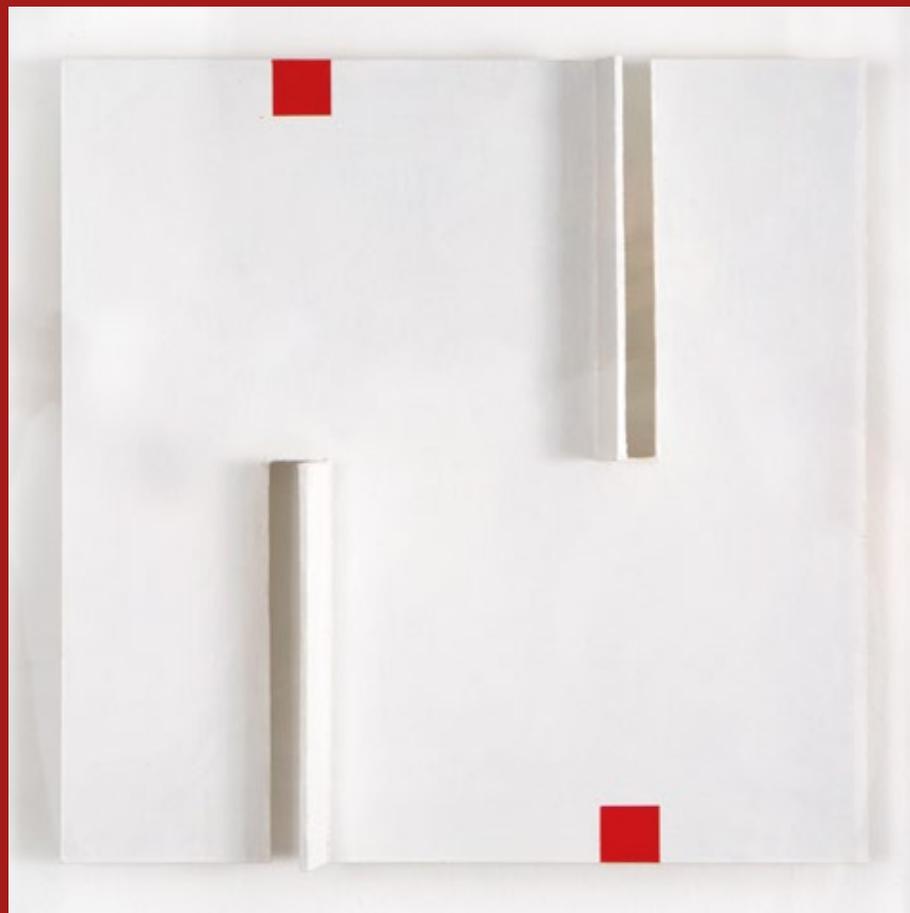
Esses seres correta e rigorosamente nus, o olho os colhe por inteiros, como objetos cabíveis num bolso. E há música neles, mas não é sequer de câmara — é de cela, nicho e escrínio: são microtonais, minideogramas sólidos à Scelsi.

O Almandrade capricha nas miniaturas de suas criaturas, cuja nudez implica nudez, límpido limpamento do olho artístico, já cansado da fantástica história da arte deste século interminável, deste milênio infinito.

■ *Décio Pignatari é poeta, crítico, professor de Semiótica e um dos criadores da Poesia Concreta. Paulista, escreveu este texto especialmente para A TARDE Cultural.*



Maquete. Desenho de Almandrade que, além de artista plástico, é poeta e arquiteto.



s/ título

2020

objeto - acrílica sobre placa de eucatex

35 x 35 x 3 cm



s/ título

2012

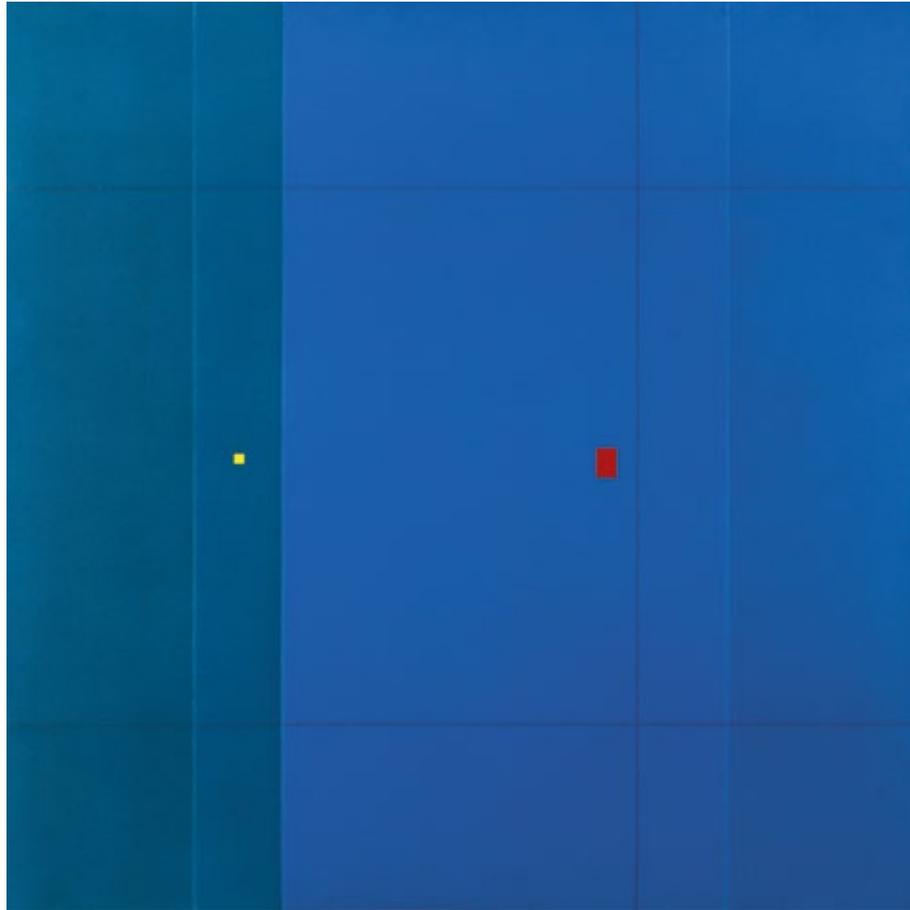
escultura em acrílico

edição: 8/10

30 x 30 cm

texturas que procuram
uma superfície
vagam
transportam o vazio.
só a pintura
tem o conhecimento
dos seus efeitos.
possível abrigo
para a rotina
de um voyeur.

no retângulo da esquadria
descansa
a velha paisagem renascentista.
a cada novo olhar
uma provocação
canta a imaginação
uma janela para o passado
que contempla o futuro.
exatidão de cálculos e
sedução de metáforas
celebram
o nascimento da pintura.



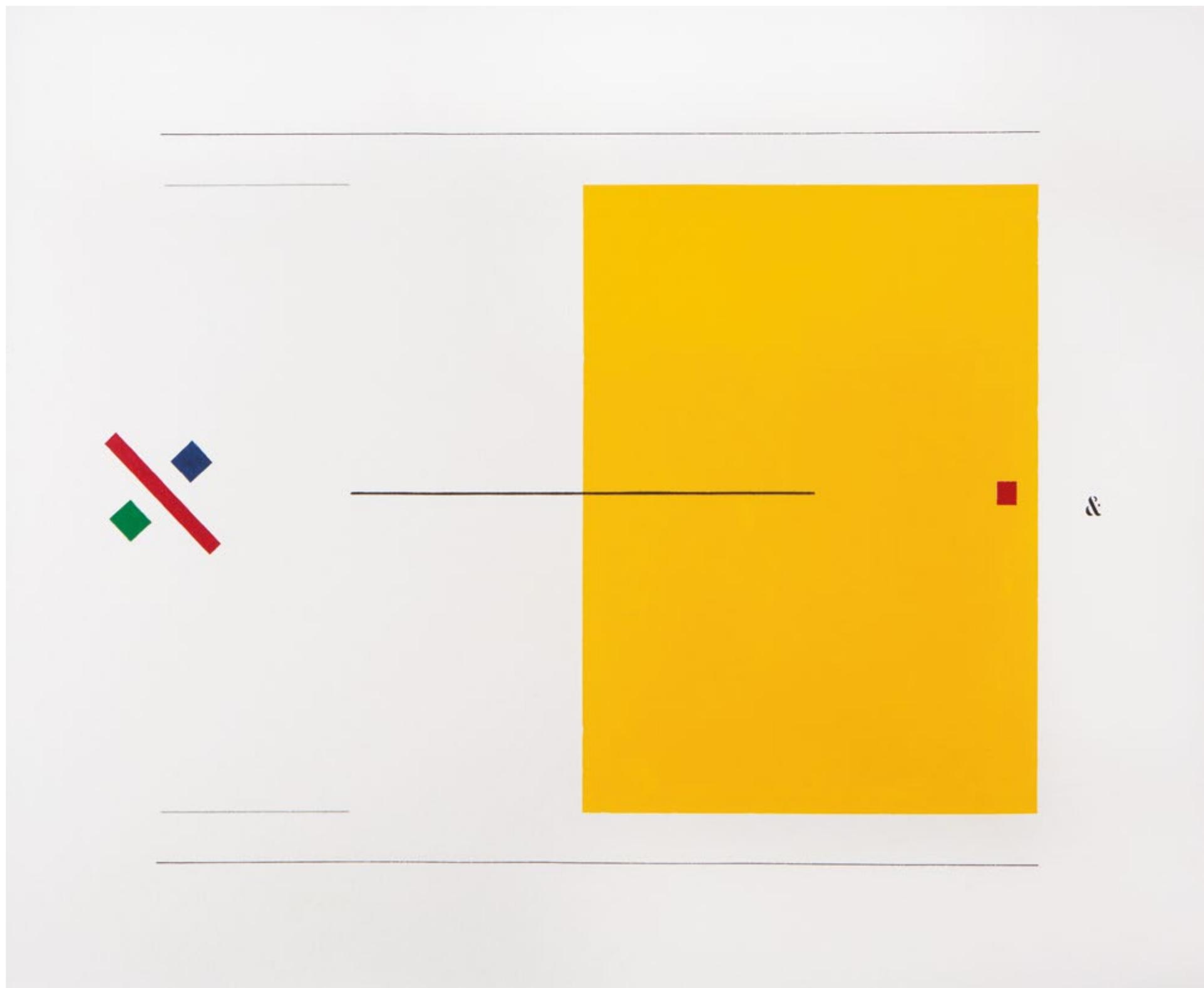
a noite depois do sonho

2002
acrílica sobre tela
100 x 100 cm



a casa vista da varanda

2001
acrílica sobre tela
100 x 100 cm



ainda o enigma da pintura

e suas rugas

2019

acrílica sobre tela

90 x 110 cm

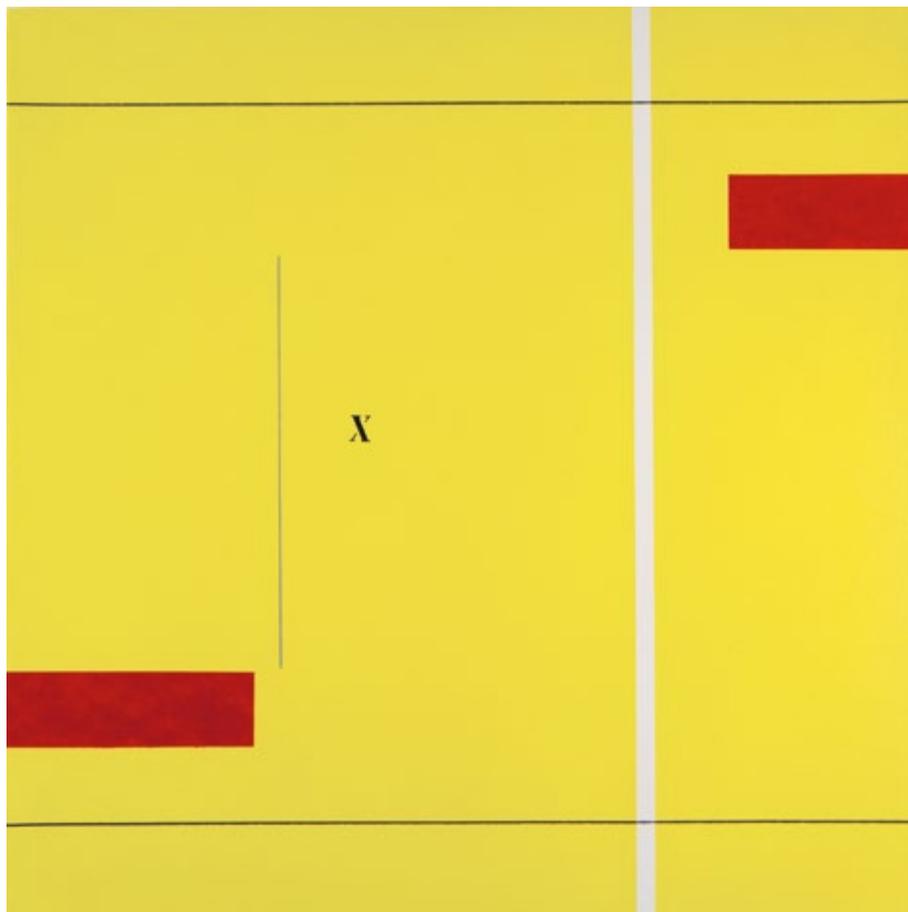


da cor surge a pintura

2020

acrílica sobre tela

90 x 110 cm

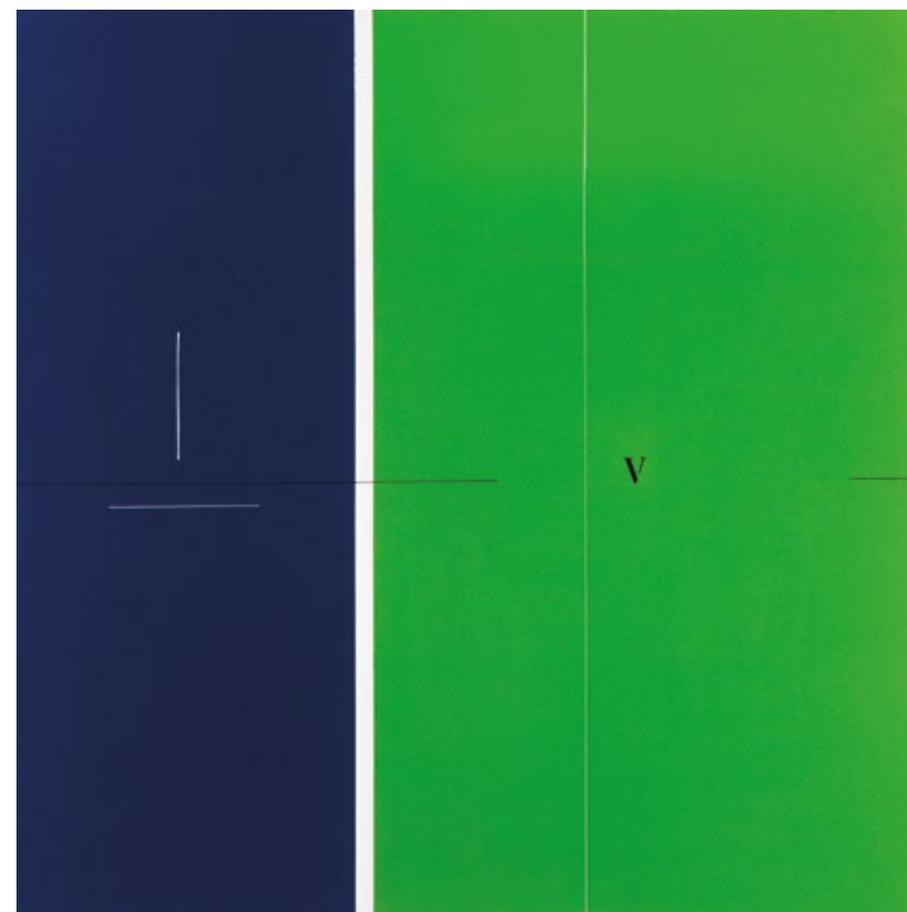


x ≠ x = 0

2019

acrílica sobre tela

90 x 90 cm



na solidão do ateliê

2019

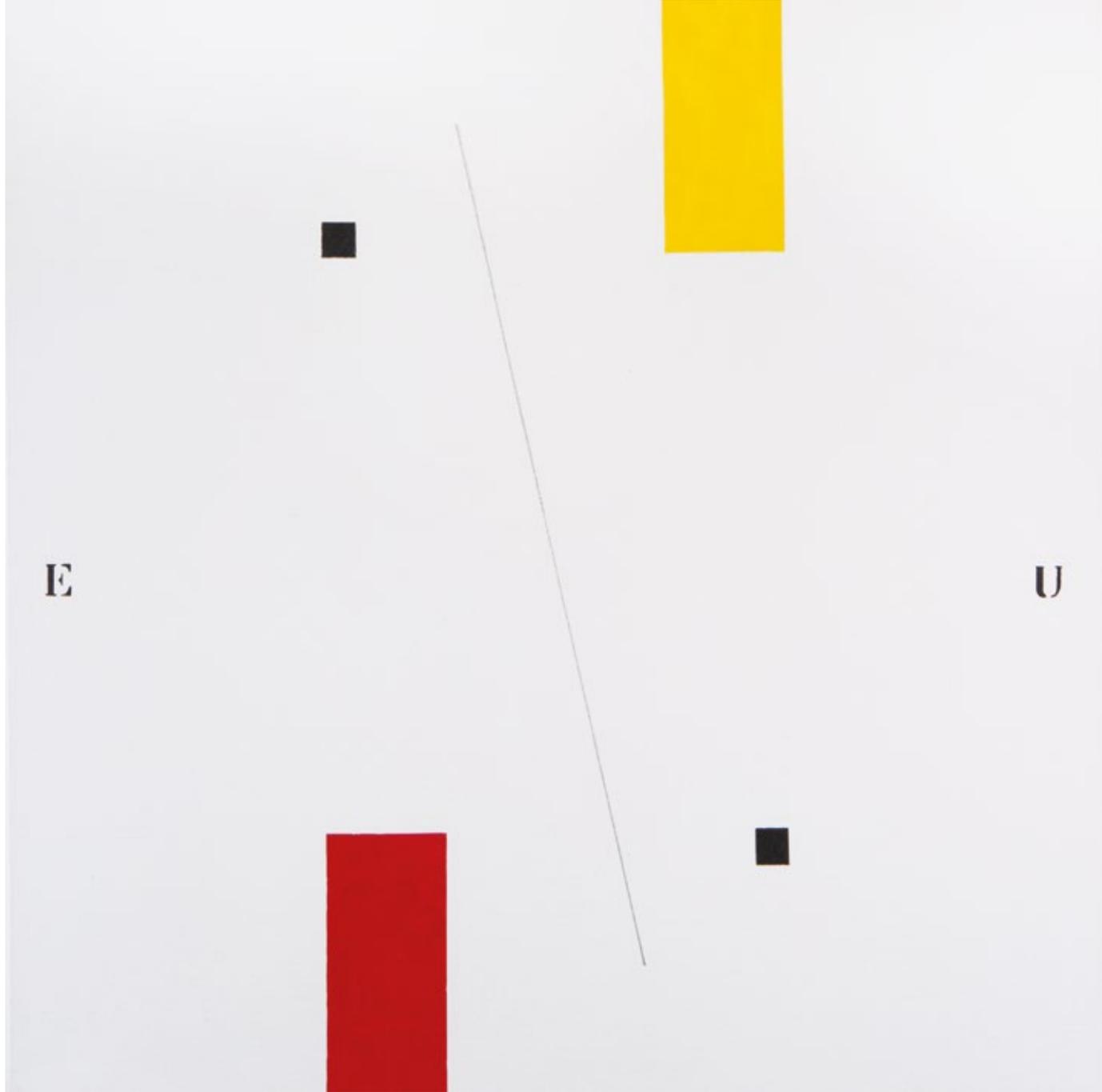
acrílica sobre tela

90 x 90 cm



s/ título

1999 • objeto em pvc, espuma e madeira • 6 x 25 x 12 cm

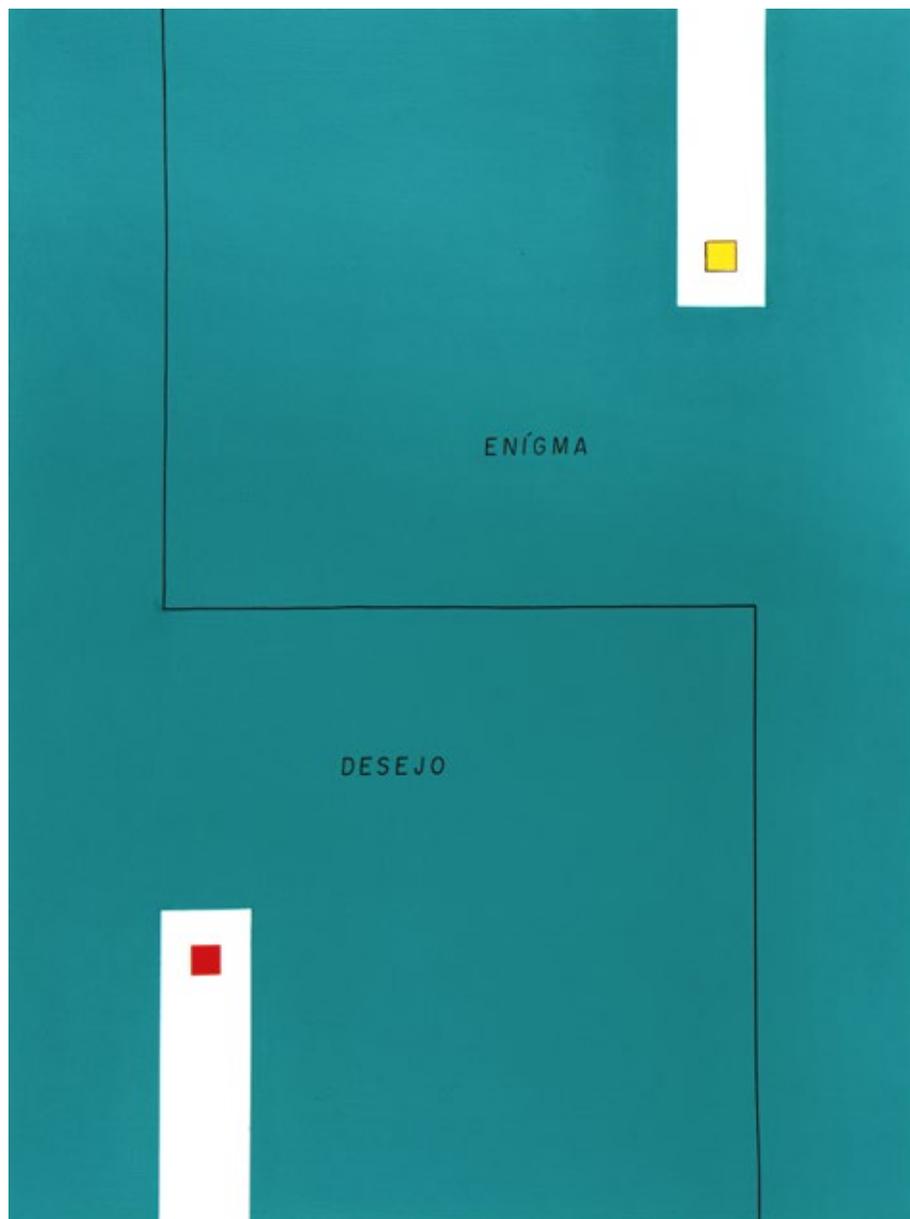


se a tela fosse um espelho

2020

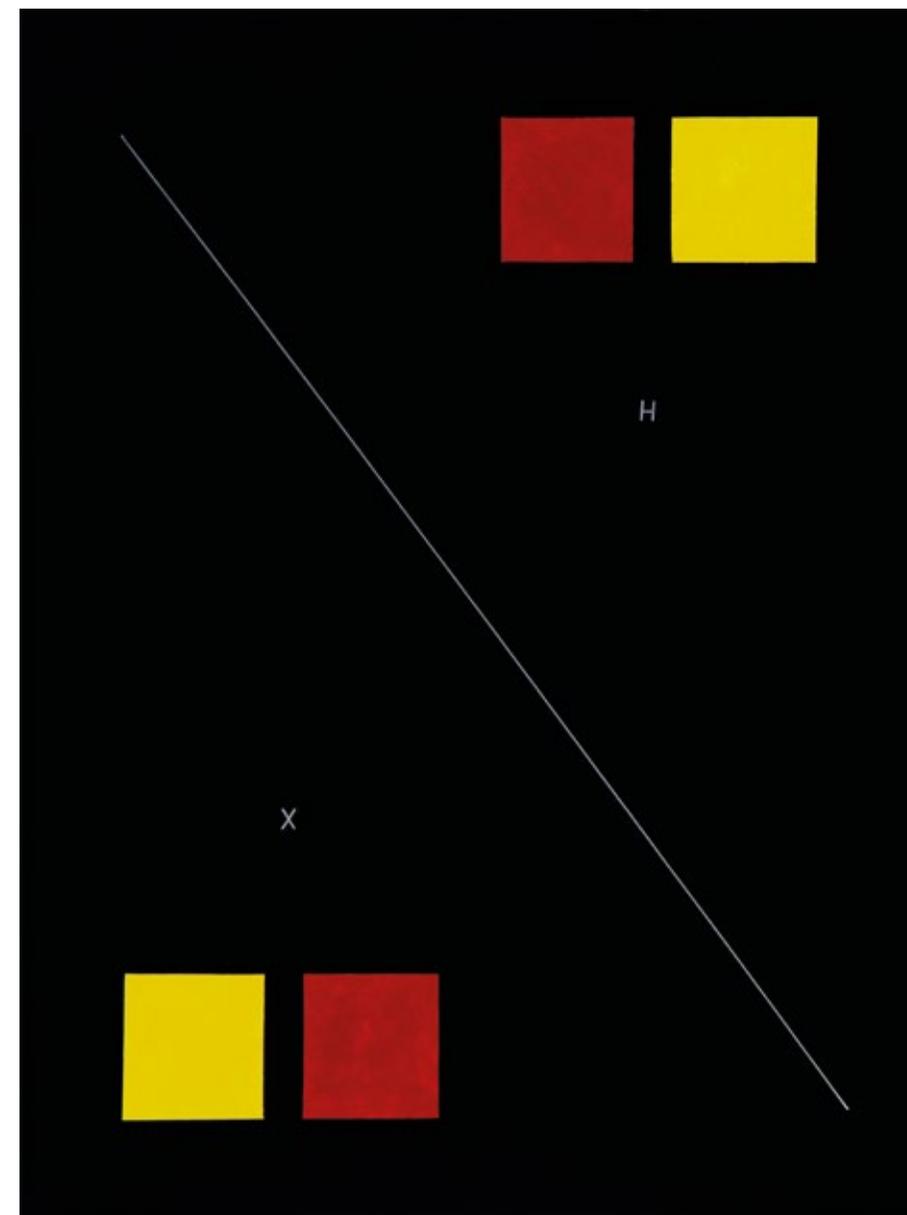
acrílica sobre tela

90 x 90 cm



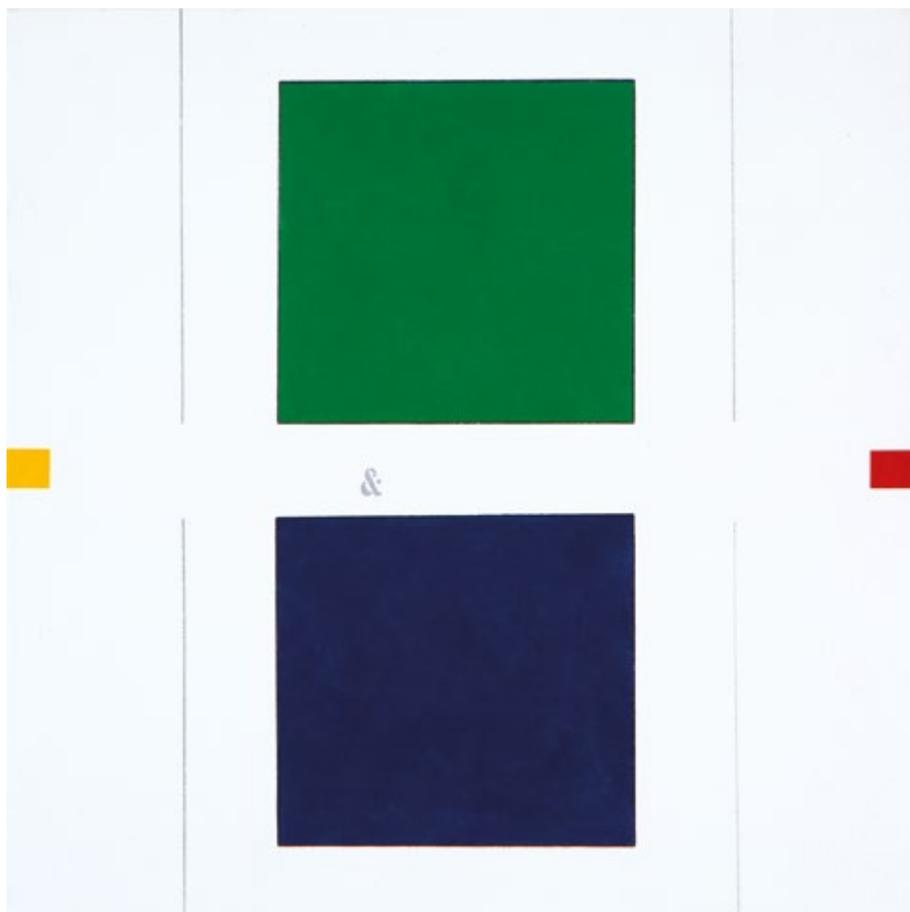
enigma/desejo

2021 • acrílica sobre tela • 80 x 60 cm



um lugar no mundo

2021 • acrílica sobre tela • 80 x 60 cm



o tempo e o destino

2020 ▪ acrílica sobre tela ▪ 60 x 60 cm



ratoeiras armadas

1979-2013 • objeto: ratoeiras e madeira
(duas ratoeiras armadas à espera do espectador) • edição: única • 12 x 22 x 28 cm



s/ título

1989 • objeto em ferro, vidro e bola de gude • edição: única • 07 x 20 x 11 cm





eu/so

1991

acrílica sobre tela

40 x 20 cm



poema visual

1976-2010

acrílica sobre tela

30 x 30 cm



almandrade

50 anos de arte

uma produção marcada
por coerência e rigor.
por Claudius Portugal

Almandrade (Antonio Luiz Morais de Andrade) nasceu em São Felipe, 1953, município baiano, e vive em Salvador.

É **artista plástico, arquiteto, mestre em desenho urbano, poeta e professor de Teoria da Arte**. Destes seus interesses múltiplos vem realizando, nestas cinco décadas, exposições de desenhos, de pinturas, de poemas visuais, de livros de artista, de instalações, de objetos, através de trabalhos que absorvem e sintetizam as suas influências diversas – o poema processo, o concretismo, as histórias em quadrinhos, efetivando em sua arte uma comunicação gráfico-visual que atravessa das linhas retas à abstração geométrica, da palavra à imagem, com um projeto poético que perpassa todo este período, entre o conceitual, o construtivo e a poesia visual. Artista extremamente técnico, de sólida expressão, desenvolvendo uma obra síntese de ideias, no dilaceramento entre a tensão e a forma, não perdeu jamais, nesta travessia, em nenhum momento, a coerência e o rigor.

Quem acompanha a sua trajetória, verifica nela um começo figurativo, quando ganhou Menção Honrosa no I Salão Estudantil, em 1972 e, em seguida, como um processo natural, passa para o construtivismo, a poesia visual, e o conceitual, e a sua pesquisa plástica leva-o ao abstracionismo geométrico e à arte conceitual. Já o poeta mantém identidades com a poesia concreta e o poema/processo, na sua série de poemas visuais. Há na sua obra como projeto e processo um estudo rigoroso do construtivismo e da arte conceitual? Ela pode ser vista sendo desenvolvida entre a geometria e o conceito? Como e qual foi a sua formação intelectual para este caminho e em que a arquitetura veio a incentivar estes passos?

Descreva esta caminhada.

— A figura era o exercício do aprendizado na pintura, mas que logo foi se encaminhando naturalmente para a abstração. O processo de geometrização da figura surgiu principalmente do meu contato com a poesia concreta e, logo em seguida, o poema/processo. Cheguei em Salvador em 1970 para estudar o colegial e fazer vestibular. No Colégio da Bahia (o Central) começou meu desvio para a literatura e arte e vontade de descobrir e acompanhar o que acontecia na metrópole, acabei por uma iniciativa pessoal descobrindo a poesia Concreta, o Poema/Processo, o Concretismo, Neoconcretismo e a Arte Conceitual. Entrei na escola de arquitetura em 1973. Acompanhei a passagem da vanguarda para o contemporâneo. No meio desse campo minado, como um atirador solitário, visualizei uma trajetória mergulhado em teorias e leituras, mas sem deixar que o fazer teórico dominasse o fazer prático. A materialidade do trabalhado fala por si.

Sua produção se solidifica na materialidade do trabalho como um elemento fundamental para transmissão do conceitual. Para tal, seus trabalhos transitam em várias técnicas e suportes. Este trânsito é que o leva de um conceitual experimental para uma estética construtivista e conceitual, indo tanto do pictórico ao linguístico em trabalhos entre a bi e a tridimensionalidade, duas ou três cores, e texturas que efetivam o estímulo necessário para estimular o pensamento e provocar a reflexão, como está dito num texto seu? Sua obra segue critérios fundamentados na racionalidade, na materialidade e, não por acaso, na economia de dados, sem deixar que conceitos se sobreponham ao fazer artístico, o que sempre o diferenciou do cotidiano da arte contemporânea.

Qual o peso de sua arte numa divisão entre o que objetiva as sensações e o pensamento?

— A meu ver, o trabalho de arte é uma tensão entre objetividade e subjetividade, ora você é mais racional, ora é mais emocional. As sensações são filtradas pelo cerimonial da razão. Eu comecei na década 1970, era o auge da Arte Conceitual, exigia do artista um domínio intelectual, as informações eram poucas, tudo era mais difícil e, vivendo na província, tinha tudo contra mim para desistir, mas sobrevivi. Entre a literatura (poesia) e as linguagens visuais, me utilizei de vários suportes sem perder um projeto de fazer arte, a passagem de um suporte para outro não se trata de um corte, mas de um desdobramento. A saída da parede para o espaço não significa uma outra opção estética, seja desenho, poema visual, pintura, escultura, instalação e até mesmo a poesia verbal, eles conversam entre si. É um fazer mais lento e mais reflexivo como um saber específico, talvez um pouco distante do cotidiano contemporâneo mais apressado.

Na década de 1970 temos na sua arte os desenhos em preto-e-branco, objetos e projetos de instalações, essencialmente cerebrais, calcados num procedimento primoroso de tratar questões práticas e conceituais, em sua produção. Nos anos 1980, a cor e o espaço. Sem perder seu processo e coerência, são criadas suas pinturas, desenhos, objetos e esculturas. Há um texto sobre sua obra que fala sobre isto, dizendo que elas ganham uma dimensão lúdica, sem perder a coerência e a capacidade de divertir com inteligência.

Como são propostas nesta linha do tempo, a cada momento, estas suas novas leituras?

— Na década de 1970, situada entre o Ato Institucional n.º 5 e a abertura nos anos 1980, o fazer artístico era mais conceitual, mais frio, cerebral, exigia muito do espectador, que dizia ser um trabalho hermético e, ao mesmo tempo, de uma ironia sutil. Eu cheguei até, em 1976, a fazer uma exposição com o título: **“O prazer do hermético ou o hermético do prazer”**. Anos 1980, um novo contexto político, acontece o retorno da pintura, eu mantenho meu projeto, apenas faço uso da cor na busca de uma coisa mais lúdica, dissimular um pouco a ideia do hermetismo, a frieza com relação à emoção, com muita sutileza, sem deixar de flertar com a razão.

Outro texto: Um poeta da arte, um artista da poesia. Um escultor que trabalha com a cor e com o espaço e um pintor que medita sobre a forma, o traço e a cor no plano da tela. Uma arte que dialoga com certas referências, reinventando novas leituras. Trabalha com o mínimo de elementos pictóricos, duas ou três cores, dois planos, duas ou três texturas, um traço etc. e vemos uma pintura, um objeto e uma escultura. Algo criativo que menosprezamos ao primeiro olhar, mas, logo que somos orgulhados no clima que eles nos impõem, descobrimos alguma coisa de novo. A simplicidade é o ponto de partida que predomina nas suas criações para que o espectador se relacione com sua arte? E o que mais sente predominar neste seu fazer artístico?

— Simplificar não é fácil. Diante de uma tela em branco, por exemplo, existe inconscientemente o desejo de preencher aquele lugar, é preciso pensar e olhar o que já habita aquele espaço, marcado com muitas inscrições. A simplicidade é uma opção estética para deixar o espectador lançar nele suas inquietações. A arte sempre depende de quem a olha. Experimentar a linguagem e levar a um limite, somos dominados por ela, vemos o mundo através dela, o artista deve ter um compromisso de propor um outro olhar, um outro relacionamento com o mundo. A frieza com relação à emoção, com muita sutileza, sem deixar de flertar com a razão.

A palavra mais lida em textos sobre seu trabalho são integridade, personalidade, íntegro e coerente. Como se sente tendo estas palavras como basilares para compreensão nestes 50 anos de artista visual, escultor, arquiteto, mestre em desenho urbano, poeta? E nesta exposição qual foi o critério de escolha como representação para estes 50 anos?

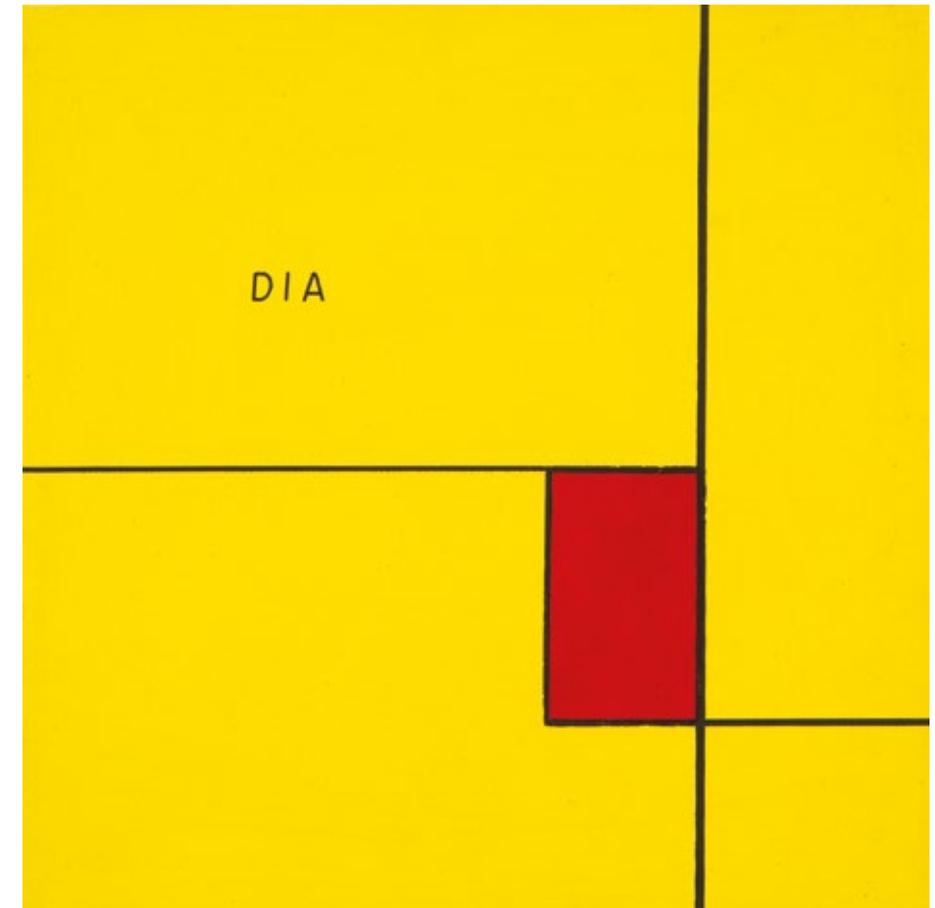
— Bem, são palavras de críticos, curadores etc. que observam o percurso do meu trabalho. Sinto que não foi em vão a dedicação ou o desvio para me ocupar com o fazer artístico. Para esta exposição, optamos por apresentar trabalhos dessas 5 décadas em diferentes suportes possíveis para mostrar o conjunto sem seguir uma ordem cronológica e sim associações conceituais.

a entrevista completa você encontra em
www.paulodarzegaleria.com.br



“a meu ver, **o trabalho de arte é uma tensão** entre objetividade e subjetividade”

vento solitário
varre o vazio
da cidade
o dia passa
como um cão
abandonado
o presente espera
o amanhã.

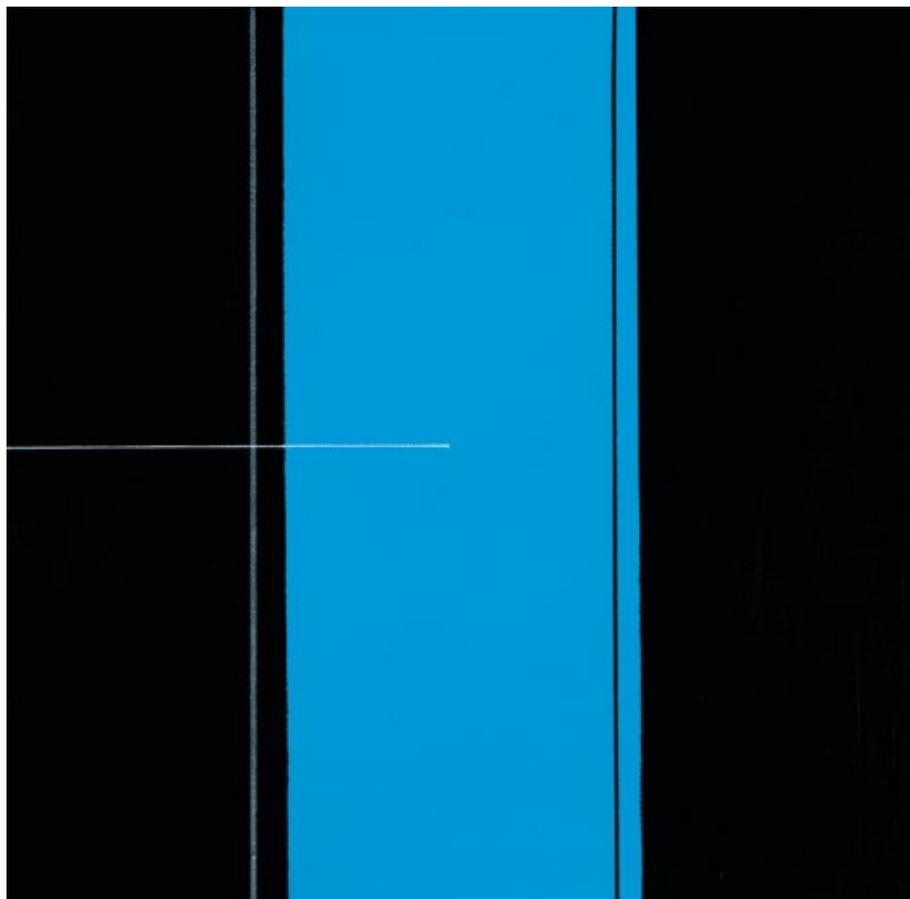


+ um ano em casa

2021

acrílica sobre tela

30 x 30 cm



um fim de tarde com outro qualquer

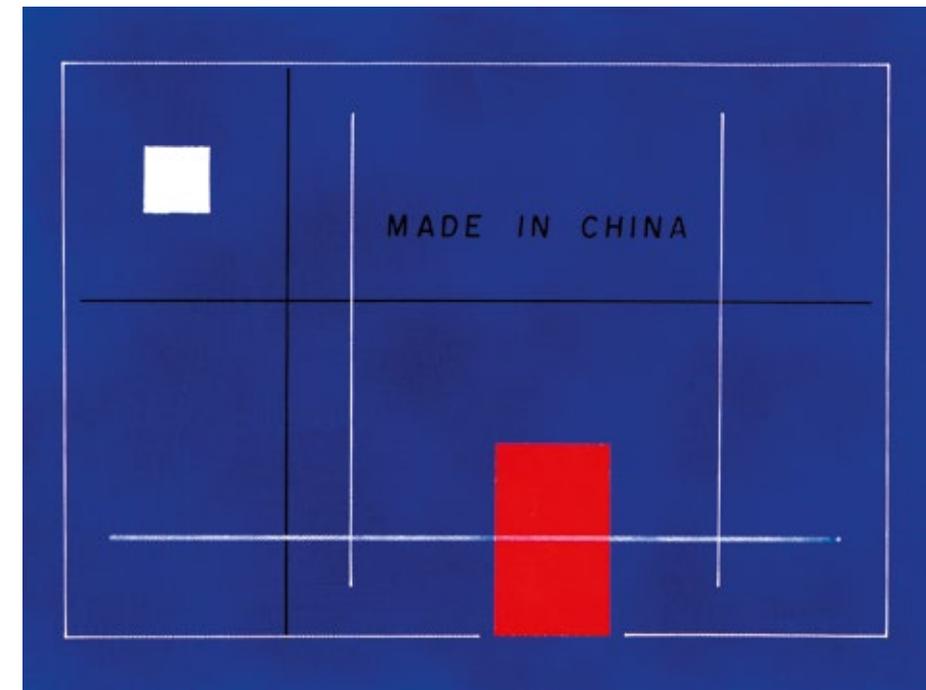
1995
acrílica sobre tela
30 x 30 cm



+ um ano em casa

2021
acrílica sobre tela
30 x 30 cm

o que diz o visível
na sua obscuridade
segredos que calam
lábios tagarelas.
sem ruídos,
as alucinações de bosch
ou a fúria colorida
de van gogh
exalta o ritmo
dramático do olhar.



made in china

2001

acrílica sobre tela

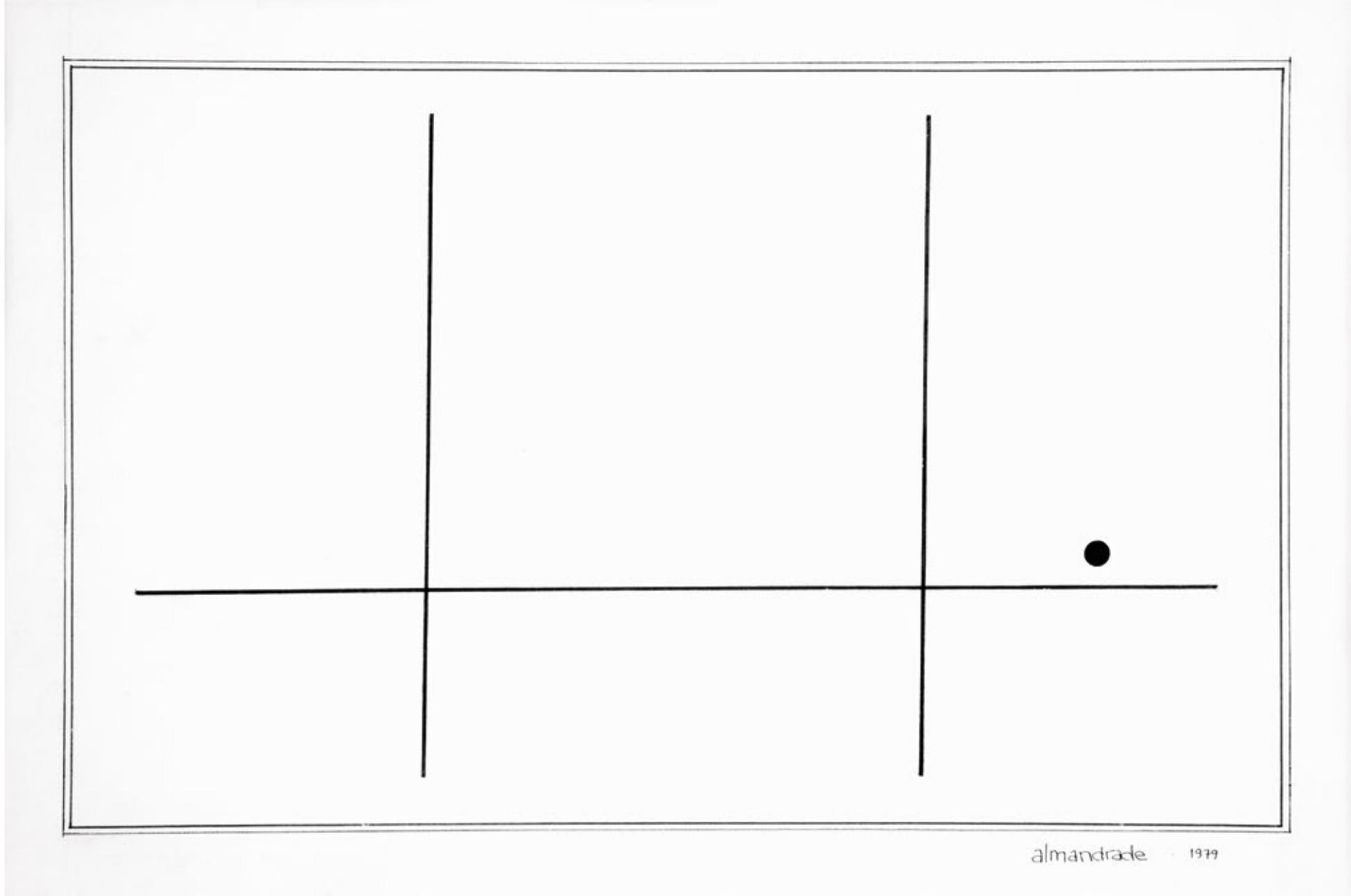
30 x 40 cm



Almandade · 1972

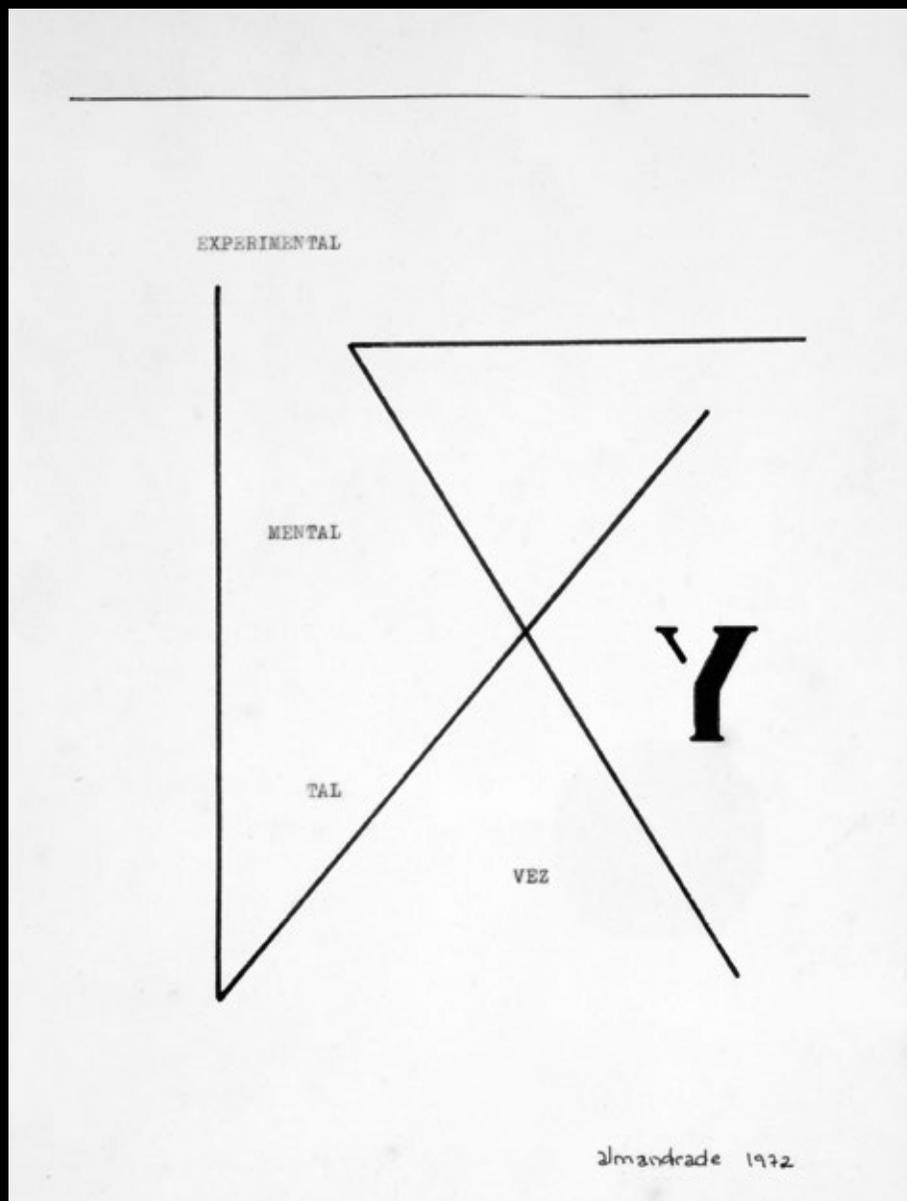
s/ título

1972 · nanquim · 30 x 20 cm



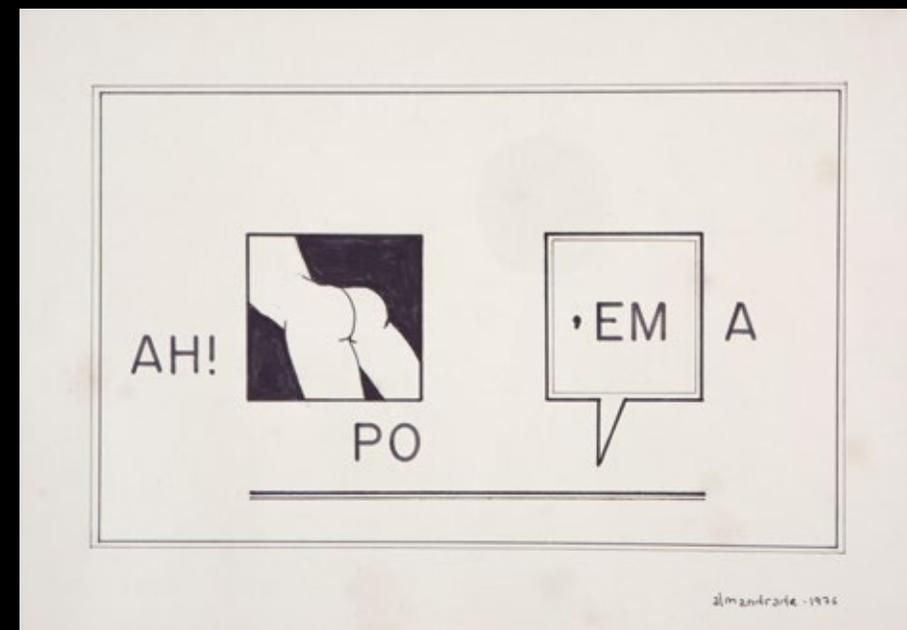
s/ título

1979
nanquim
21,5 x 33 cm



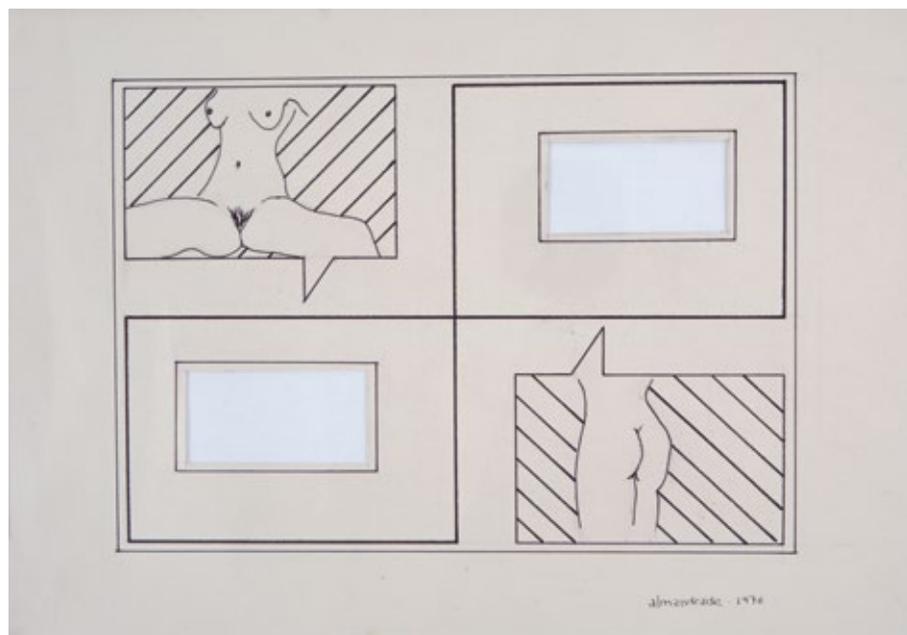
poema visual

1972
nanquim
27 x 19 cm



s/ título

1976
nanquim
20 x 30 cm



s/ título

1976

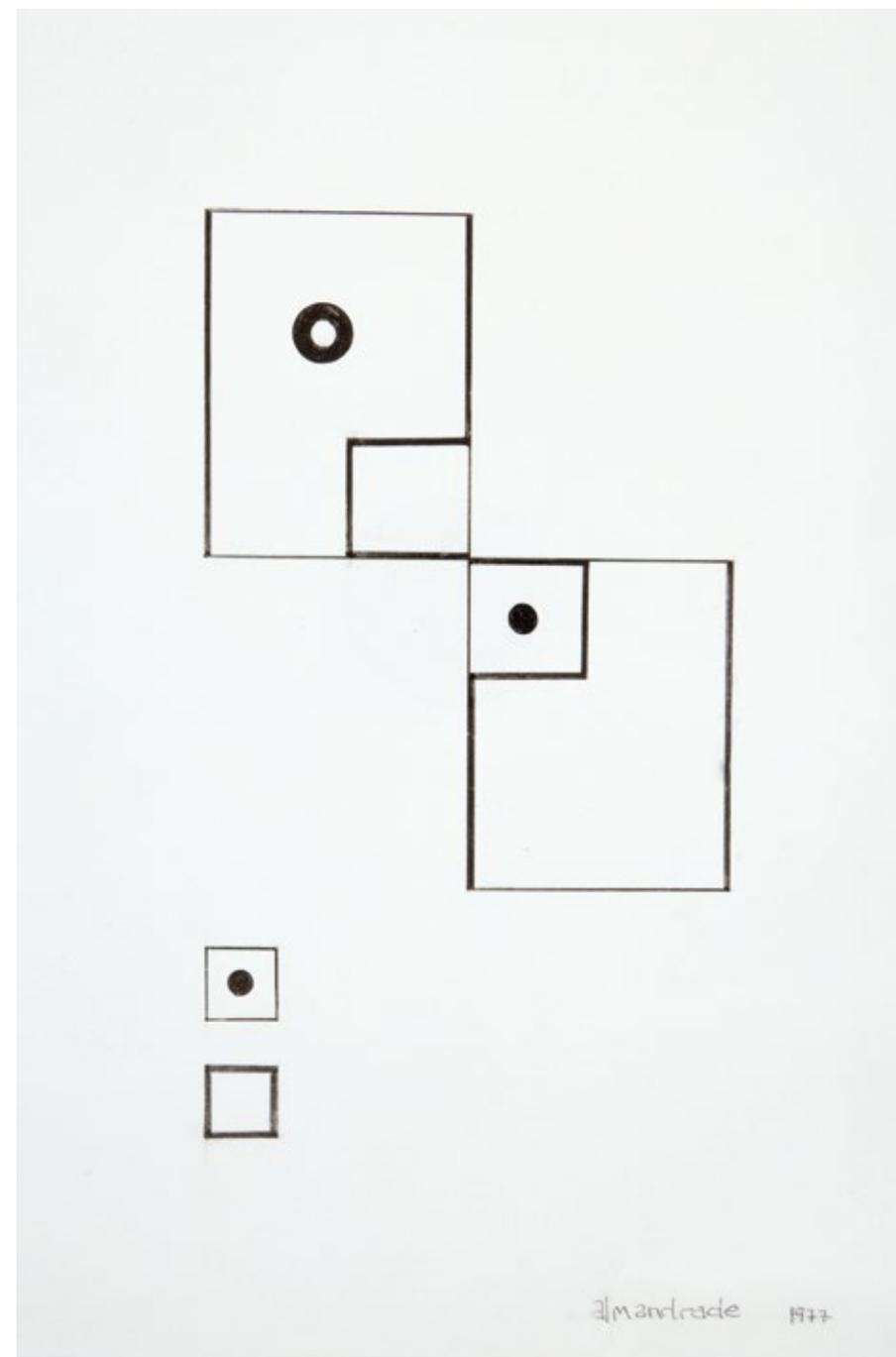
nanquim

20 x 30 cm

a presença serena
do mar
entra pela janela
do décimo andar
a moça nua
e solitária
pinta um barco
se mostra para a baía
namora com as águas
do velho oceano
de lautrémont.

s/ título

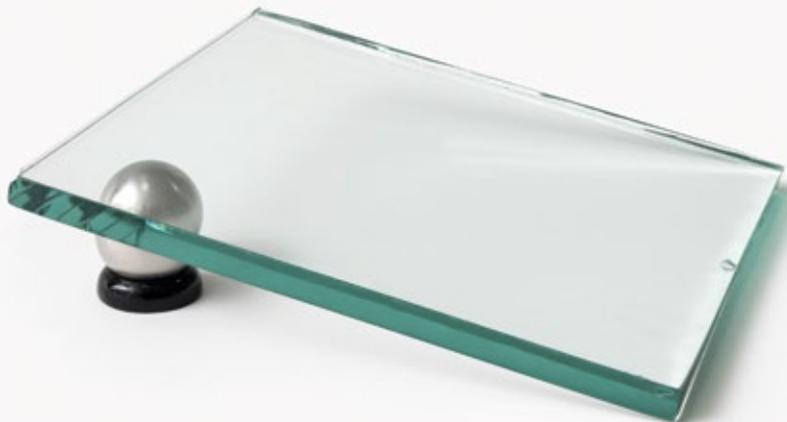
1977 • nanquim • 30 x 20 cm





como deus criou o mundo

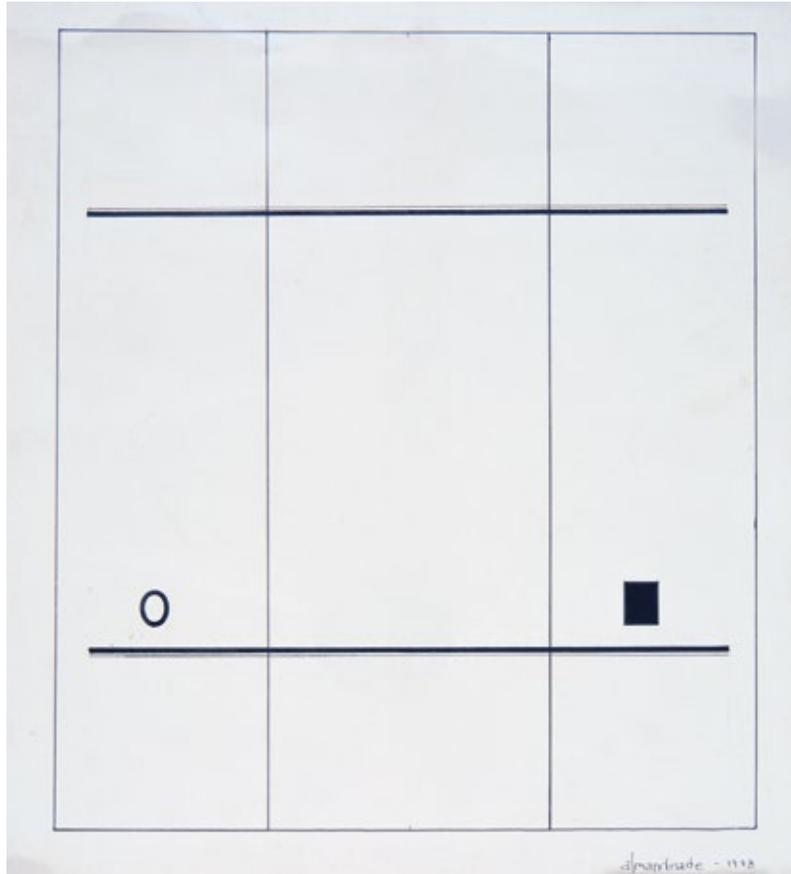
2000 ▪ objeto de vidro e bola de aço inox
edição: única ▪ 03 x 20 x 20 cm



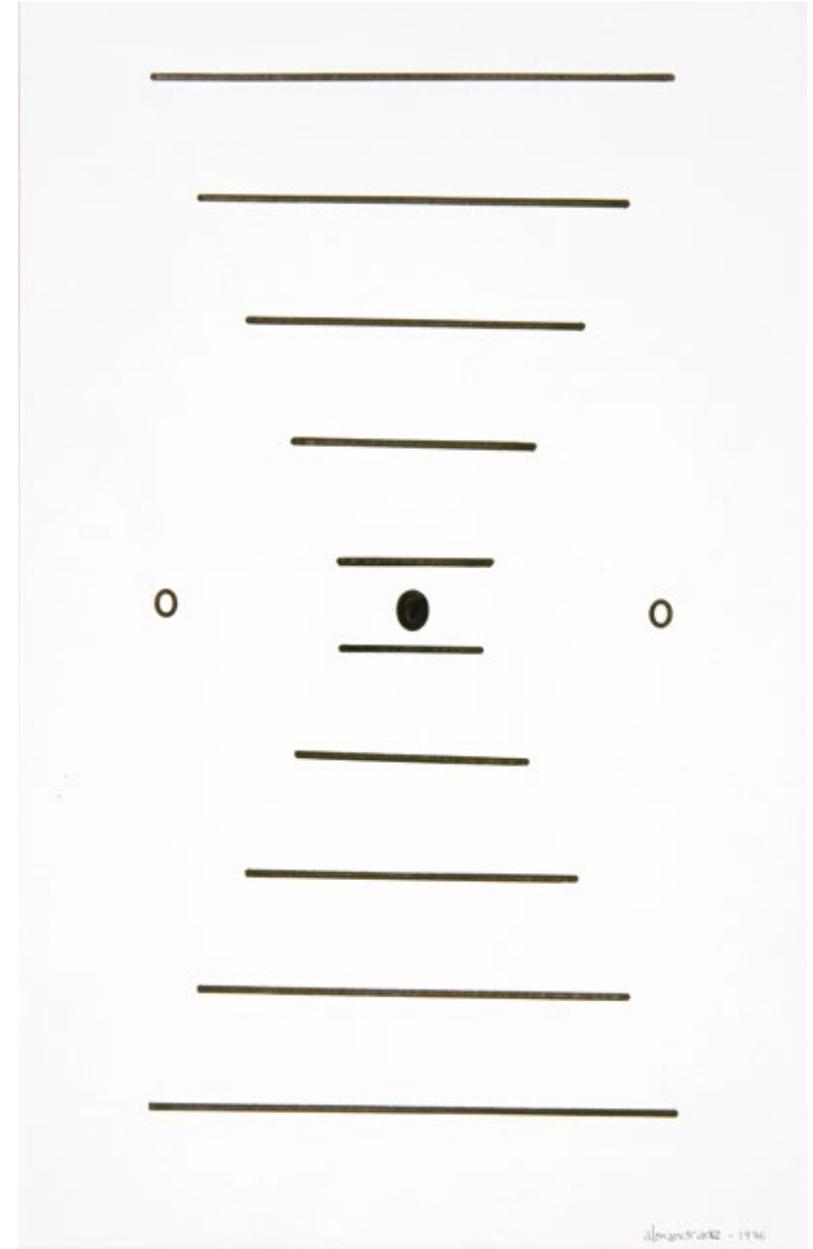
s/ título

1978 ▪ objeto em borracha e cobre
edição: única ▪ 16 x 18 x 15 cm





s/ título
1978
nanquim
30 x 30 cm



s/ título
1976 • nanquim • 42 x 27 cm

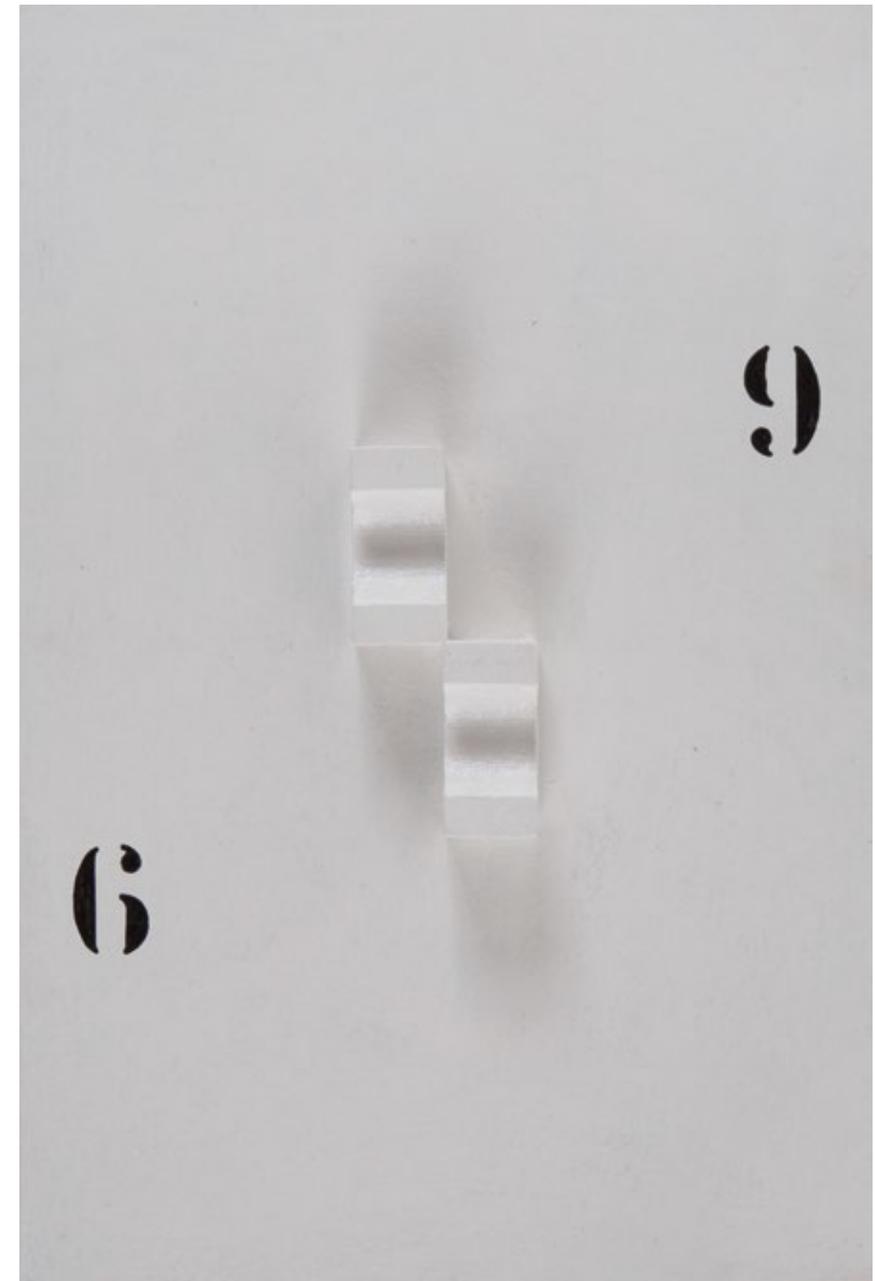
s/ título

1991

nanquim

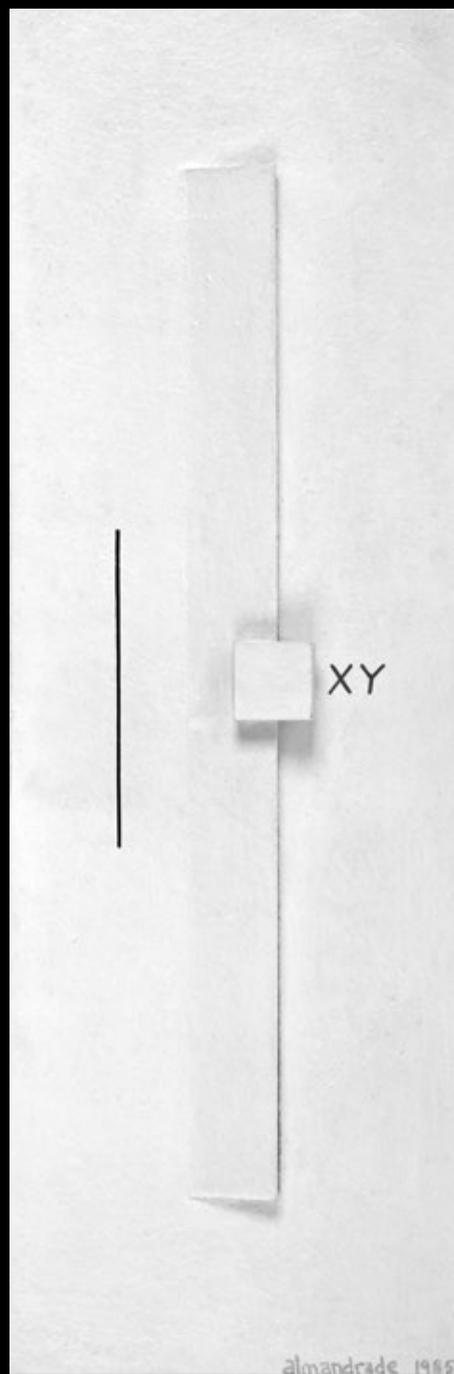
37 x 17 cm





poema visual

1977 • acrílica sobre tela com objeto • 29,5 x 20 x 5 cm

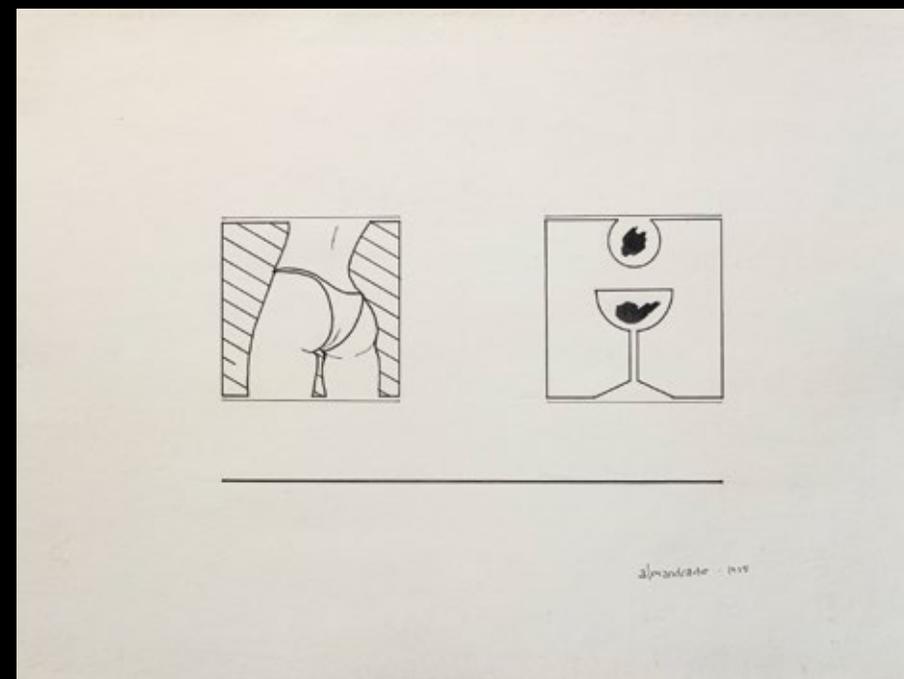


o que está atrás da greta?

1985

acrílica sobre placa de eucatex

56 x 18 cm



s/ título

1975

nanquim

31 x 42 cm



poema visual

1973

nanquim

31 x 40 cm



poema visual

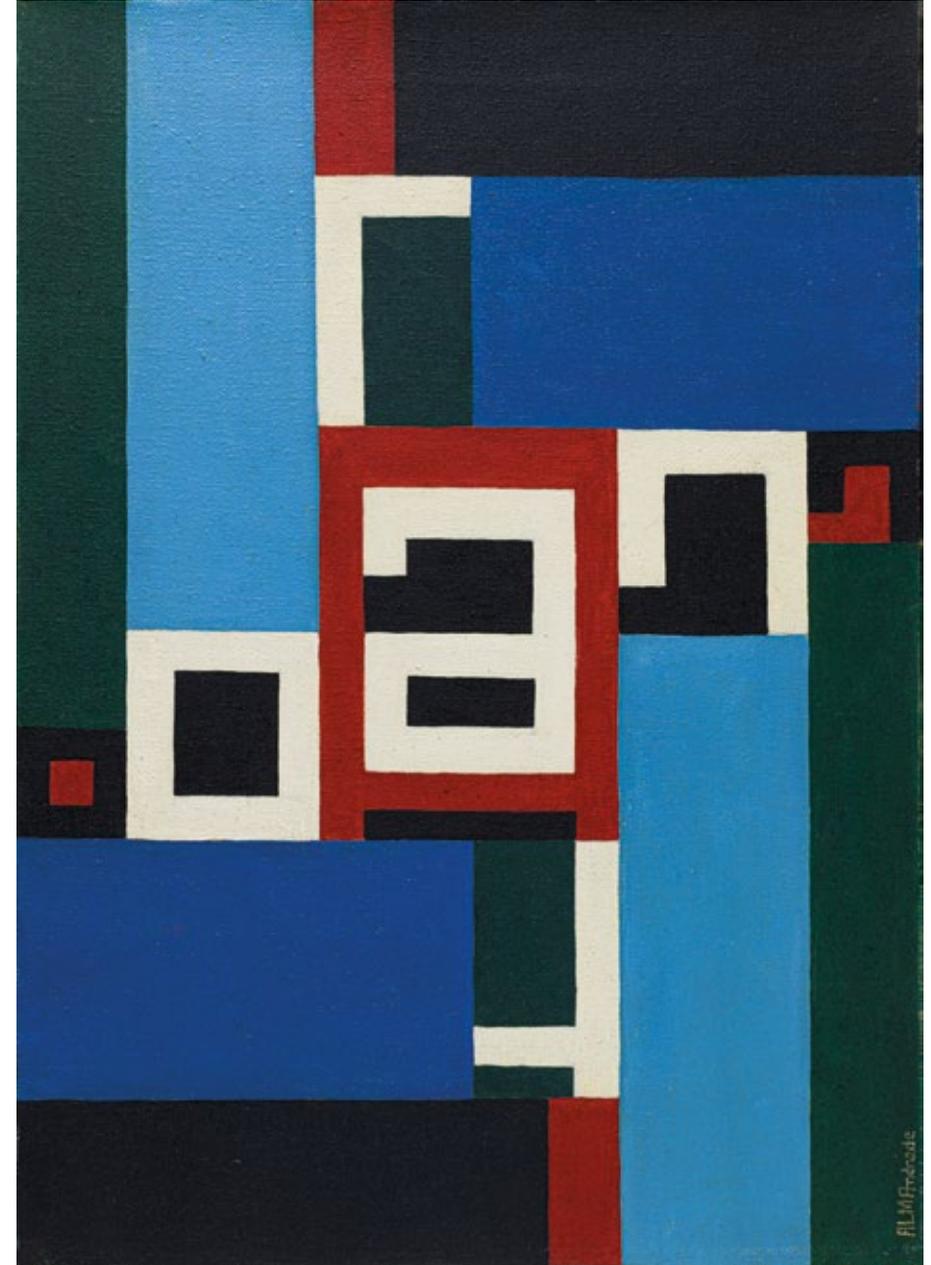
1975

nanquim

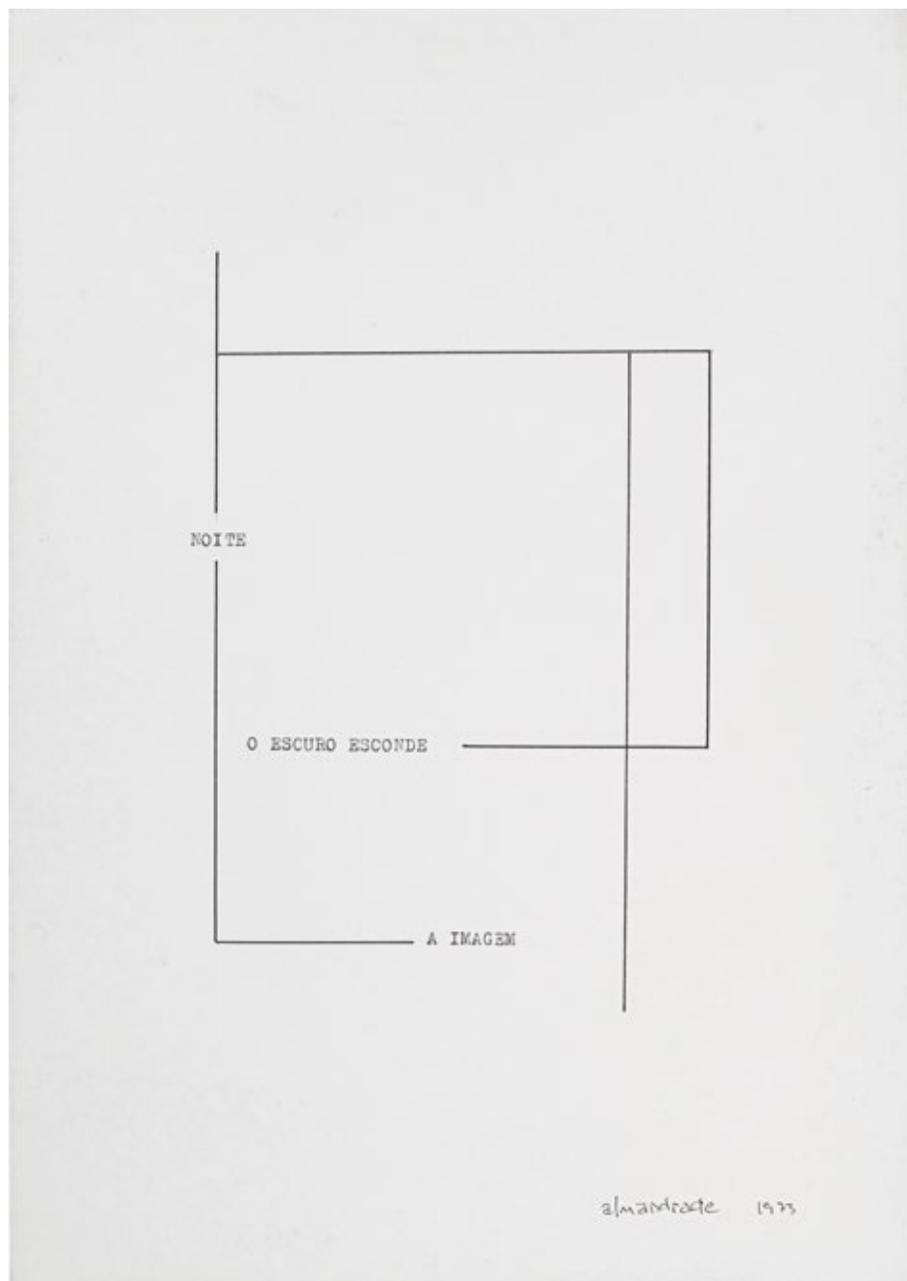
26 x 36 cm



s/ título
1975
nanquim
26 x 36 cm



s/ título
1974 • óleo sobre tela • 46 x 30 cm



s/ título

1973 • nanquim • 30 x 21 cm

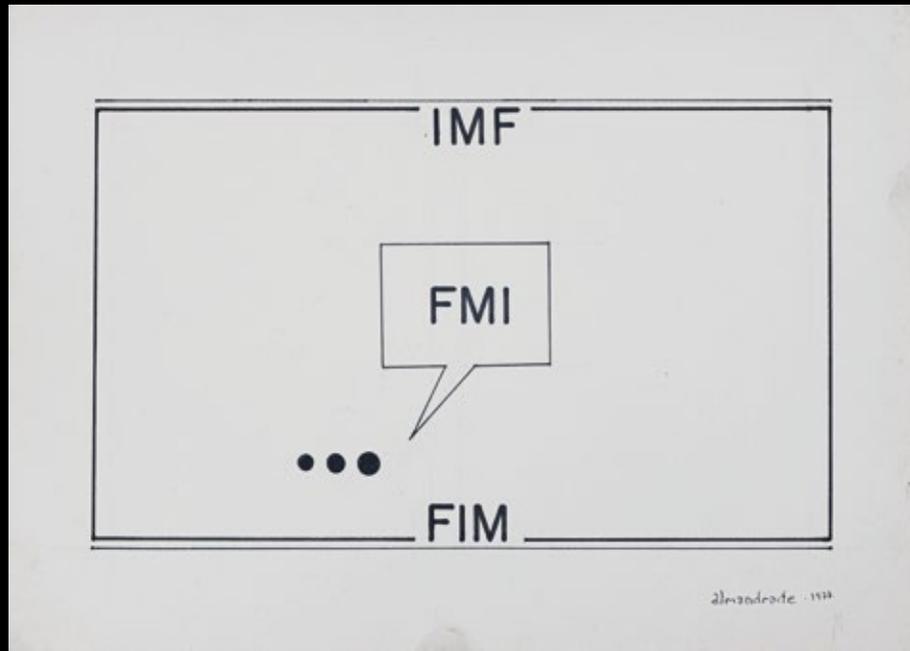


s/ título

1975

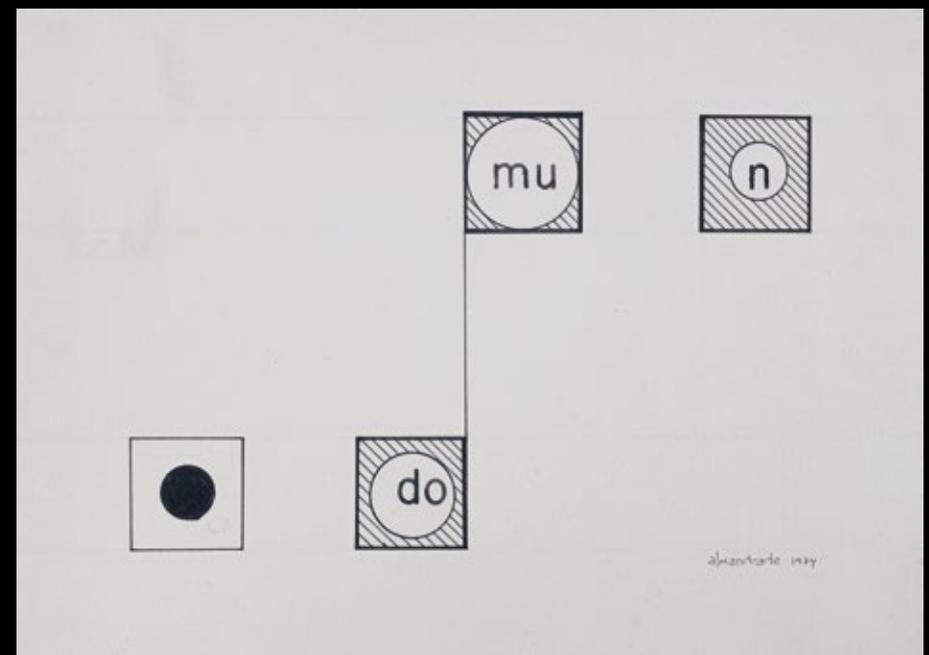
nanquim

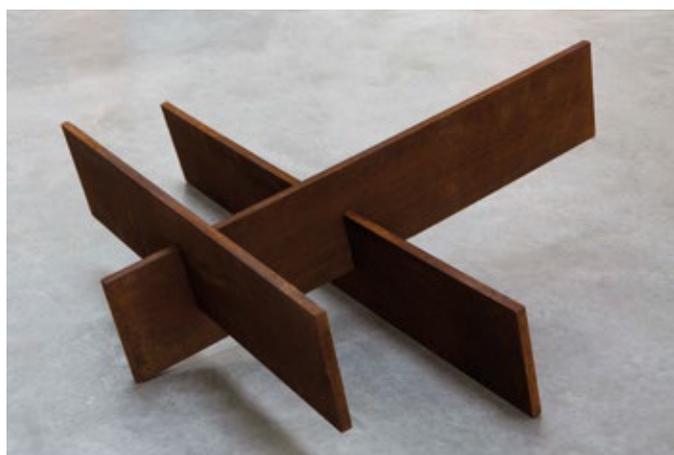
22 x 31 cm



s/ título
1974
nanquim
22 x 31 cm

s/ título
1977
nanquim
22 x 31 cm





s/ título

2020 • escultura em aço corten • 44 x 133 x 106,5 cm

um pensamento além,
a menos.
ali, nunca,
rigoroso.
subitamente,
a primavera pausa
no jardim.
a paisagem se confunde
com a pintura.
cortina de fantasia.

almandrade

Antonio Luiz M. Andrade – São Felipe/BA, 1953

Vive e trabalha em Salvador, Bahia.

Artista plástico, arquiteto, mestre em desenho urbano e poeta. Participou de várias mostras coletivas, entre elas: XII, XIII e XVI Bienal de São Paulo; “Em Busca da Essência” – mostra especial da XIX Bienal de São Paulo; IV Salão Nacional; Universo do Futebol (MAM/Rio); Feira Nacional (São Paulo); II Salão Paulista; I Exposição Internacional de Escultura Efêmeras (Fortaleza); I Salão Baiano; II Salão Nacional; Menção honrosa no I Salão Estudantil em 1972. Integrou coletivas de poemas visuais, multimeios e projetos de instalações no Brasil e exterior.

Realizou mais de trinta exposições individuais em vários estados. Tem trabalhos em vários acervos particulares e públicos, como: Museu de Arte Moderna da Bahia (Salvador/BA), Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro/RJ), Museu da Cidade (Salvador/BA), Pinacoteca Municipal de São Paulo (São Paulo/SP), Museu Afro (São Paulo/SP), Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS), *Brazil Golden Art*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (Recife/PE), Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS), Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana (BA), Centro Universitário de Cultura e Arte de Feira de Santana (BA), Galeria ACBEU (Salvador/BA), Museu de Arte Abraham Palatnik (Natal/RN), Museu de Arte do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/RJ), Museu Nacional (Brasília/DF), Museu de Arte Contemporânea de Chicago, Museu Jumex – México.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1975** – “Poemas Visuais”, Instituto Goethe, Salvador/BA;
- 1977** – “Instrumentos de Separação”, Instituto Goethe, Salvador/BA;
- 1978** – “O Prazer do Hermético ou o Hermético do Prazer”, Instituto Goethe, Salvador/BA;
- 1979** – “Artifícios de Gargalhadas”, Instituto de Arquitetos, Salvador/BA;
- 1980** – “O Sacrifício do Sentido”, Museu de Arte Moderna, Salvador/BA;
- 1983** – “Desenhos”, Instituto Goethe, Salvador/BA;
 - ⋮ “Esculturas de Carpete”, Funarte, Rio de Janeiro/RJ;
- 1985** – “Esculturas, Objetos e Desenhos”, Foyer do Teatro Castro Alves, Salvador/BA;
- 1986** – “Instalação, Desenhos e Poemas Visuais”, Galeria Metropolitana, Recife/PE;
 - ⋮ “Desenhos e Idéias”, Fundação Cultural do Distrito Federal, Brasília/DF;
- 1990** – “Pinturas, Esculturas e Objetos”, Escritório de Arte da Bahia, Salvador/BA;
- 1992** – “Jardim Para Meditação”, Teatro Gregório de Mattos, Salvador/BA;
- 1994** – “Esculturas, Objetos e Pinturas”, Galeria ACBEU, Salvador/BA; (Lançamento do vídeo imagens e imagens, de Luiz Rosemberg Filho com poema do artista);
- 1995** – “A Arte de Almandrade”, Museu de Arte Moderna, Salvador/BA;
- 1997** – “Pinturas, Esculturas, Instalação, Livros e Objetos”, Centro Cultural, São Paulo/SP;
- 1997** – “Pinturas, Esculturas e Poemas” (Prêmio Copene de Cultura e Arte), Prova do Artista, Salvador/BA;
- 2000** – “Mostra Retrospectiva”, Museu de Arte Moderna, Salvador/BA;

- 2001** – “Pequenos Formatos”, Galeria ACBEU, Salvador/BA;
 ⋮
 “Almandrade”, Galeria da Associação Cultural
 Brasil-Estados Unidos, Salvador/BA;
- 2002** – “Pensamentos”, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro/RJ;
- 2003** – “Esculturas”, Instituto Goethe, Salvador/BA;
- 2004** – “Pinturas”, Sofitel Suítes Costa do Sauípe, Bahia;
- 2005** – “Instalação”, Conjunto Cultural da Caixa, Salvador/BA;
- 2009** – “Pinturas, Esculturas, Poemas Visuais, Objetos, Desenhos e Instalações”, Conjunto Cultural da Caixa, Salvador/BA;
- 2011** – “Pinturas, Esculturas, Poemas Visuais, Objetos, Desenhos e Instalações”, Conjunto Cultural da Caixa, São Paulo/SP;
- 2011** – “Um Olhar do Artista Sobre Seu Trabalho”, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador/BA;
- 2013** – “Gravuras e Pinturas”, Studio R Krieger, Curitiba/PR;
- 2014** – “Poemas Visuais e Instalação”, Casa das Rosas, São Paulo/SP;
- 2015** – “Entre a Palavra e o Conceito”, Roberto Alban Galeria, Salvador/BA;
- 2015** – “Do Poema Visual à Poética do Plano e do Espaço”, Baró Galeria, São Paulo/SP;
- 2016** – “Solo ArteBa”, Baró Galeria, Buenos Aires;
- 2017** – “Poemas Visuais, Desenhos, Pinturas, Esculturas e Instalações”, Gabinete de Arte K2O, Brasília/DF;
- 2017** – “O Conceito Entre o Verbo e a Visualidade”, Baró Galeria, São Paulo/SP;
- 2018** – “O sentido do original na gravura”, Baró Galeria, São Paulo/SP;
- 2018** – “Investigações Visuais”, Luciana Caravello Arte Contemporânea, Rio de Janeiro/RJ;
- 2019 / 2020** – “Pensar o Jogo”, Museu Nacional, Brasília/DF;

- 2022** – “Gravura: Geometria e Poesia – Gravuras”, Gravuras no Brasil Galeria, São Paulo/SP;
 ⋮
 “Labirinto para a Curiosidade do Olhar”, Galeria Murilo Castro, Belo Horizonte/MG.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1972** – I Salão Estudantil, Instituto dos Arquitetos, Salvador/BA;
- 1973** – “Cinco Artistas”, Biblioteca Central, Salvador/BA;
 ⋮
 XIII Bienal Internacional (com grupo Etsedron), São Paulo/SP;
- 1978** – Paralelo 78, Foyer do Teatro Castro Alves, Salvador/BA;
- 1979** – “Artes plásticas Universitária Hoje”, Foyer do Teatro Castro Alves, Salvador/BA;
- 1980** – “Agora Mostra Sete”, Museu de Arte Moderna, Salvador/BA;
- 1981** – Salão Nacional de Artes Plásticas Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro/RJ;
 ⋮
 Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal (São Paulo, SP)
- 1982** – Universo do Futebol, Museu de Arte Moderna (Rio de Janeiro, RJ)
- 1985** – Tendências do Livro de Artista no Brasil, Centro Cultural São Paulo, São Paulo/SP;
 ⋮
 Salão Paulista de Arte Contemporânea, Fundação Bienal, São Paulo/SP;
 ⋮
 Tendências do Livro de Artista no Brasil, Arte Brasileira Atual: 1985, Galeria de Arte UFF, Niterói/RJ;
- 1986** – I Salão Baiano de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna, Salvador/BA;
 ⋮
 I Exposição Internacional de Esculturas Efêmeras, Fortaleza/CE;
 ⋮
 I Mostra Internacional de Poesia Visual, Centro Cultural, São Paulo/SP;

1987 – Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal, São Paulo/SP;

1988 – Mostra Internacional de Poesia Visual de São Paulo, Centro Cultural São Paulo, São Paulo/SP;

⋮
Salão Baiano de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna,
Salvador/BA;

1989 – Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, Rio de Janeiro/RJ;

1991 – Bienal do Recôncavo, Centro Cultural Dannemann, São Félix/BA;

1994 – Salão MAM-Bahia de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna, Salvador/BA;

1996 – Salão Unama de Pequenos Formatos, Universidade da Amazônia, Galeria de Arte, Belém/PA;

1997 – Programa Anual de Exposições de Artes Plásticas, Centro Cultural São Paulo, São Paulo/SP;

1998 – Salão da Bahia, Museu de Arte Moderna, Salvador/BA;

1999 – “Arte Salvador 450 Anos”, Museu de Arte Moderna, Salvador/BA;

⋮
100 Artistas Plásticos da Bahia, Museu de Arte Sacra, Salvador/BA;

⋮
Arte-Arte Salvador 450 Anos, Museu de Arte Moderna, Salvador/BA;

⋮
Arte-Arte Salvador 450 Anos, Museu Histórico da Cidade
do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ;

⋮
Arte Salvador 450 Anos, Fundação Cultural de Curitiba,
Solar do Barão, Curitiba/PR;

2000 – Exposição ACBEU Magalhães Neto, Galeria ACBEU, Salvador/BA;

2002 – “Brazilian Visual Poetry”, Mexic-Arte Museum, Austin-Texas/EUA;

2005 – “A Arte Anterior à Arte”, Caixa Cultural, Salvador/BA;

2007 – Salão da Bahia, Museu de Arte Moderna, Salvador/BA;

2010 – Coleção de Escultura, Da República à Contemporaneidade, Caixa Cultural, São Paulo/SP;

2010 – “Geometrias, Gestos e Grafias”, Arte Plural Galeria, Recife/PE;

⋮
“MAC – 14 Anos”, Museu de Arte Contemporânea Raimundo de
Oliveira, Feira de Santana/BA;

2012 – “Da Seção de Arte ao Prêmio Aquisição: a gênese do Gabinete do Desenho”, Gabinete do Desenho, São Paulo/SP;

⋮
“Economia da Montagem: Monumentos, Galerias, Objetos”,
MARGS, Porto Alegre/RS;

⋮
“Cromomuseu. Pós-Pictorialismo no Contexto Museológico” –
Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, Porto Alegre/RS;

2013 – “Tupy Todos os Dias”, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador/BA;

⋮
XIII Salão Nacional de Itajaí, Itajaí/SC;

2014 – “Distrações da Memória”, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS;

⋮
3ª Bienal da Bahia, Salvador/BA;

⋮
“The Beautiful Game: O Reino da Camisa Canarinho”, Museu dos
Direitos Humanos, Porto Alegre/RS;

2015 – 10ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre/RS;

⋮
“Destino dos Objetos”, Fundação Vera Chaves Barcelos, Viamão/RS;

2016 – “Tendência do Livro de Artista no Brasil: 30 Anos depois”, Centro Cultural São Paulo, São Paulo/SP;

⋮
“40 Anos de Linguagem Contemporânea no MAM-Ba”, Museu
de Arte Moderna da Bahia, Salvador/BA;

⋮
“Desordem”, Baró / EmmaThomas, São Paulo/SP;

⋮
X Bienal de Literatura, Curitiba/PR;

2018 – “Palavra Viva”, SESC Palladium, Belo Horizonte/MG;

⋮
“Palavra Coisa”, Galeria Carbono, São Paulo/SP;

⋮
“Livro de Artista”, Museu de Arte da Bahia, Salvador/BA;

2019 – “Novas aquisições”, Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo/SP;

“Berlin Bahia”, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador/BA;

“Abertura 1980”, Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto/SP;

“Experimentus Linha Clara”, Igreja São Vicente, Évora/Portugal;

“À Nordeste”, Sesc 24 de Maio, São Paulo/SP;

“The 55 Project”, Atchugarry Fundation, Miami/EUA;

2021 – “BAHIA for ÉvORA”, Museu Nacional Frei Manoel do Cenáculo, Évora/Portugal;

2022 – “Gravuras”, Gravuras no Brasil, Galeria, São Paulo/SP;

2023 – “Compaixão-Escritas Poligráficas”, Centro de Artes e Espetáculos da Figueira da Foz, Évora/Portugal.

COLEÇÕES

- Museu de Arte Moderna da Bahia;
- Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro);
- Museu de Arte do Rio de Janeiro;
- Pinacoteca Municipal de São Paulo;
- Museu Afro (São Paulo);
- Museu Nacional de Brasília;
- Museu da Cidade (Salvador);
- Museu de Arte do Rio Grande do Sul;
- Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul;
- *Brazil Golden Art*;
- Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães Recife;
- Museu de Arte Abraham Palatinik Natal;

- Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana (BA);
- Museu de Arte Moderna de São Paulo;
- Fundação Vera Chaves Barcelos (RS);
- *Museum of Contemporary Art* - MCA (Chicago);
- Museu Jumex – México.

PRÊMIOS

- 1981** – 1º Concurso de projetos MAM-Bahia;
- 1982** – 2º Concurso de projetos MAM-Bahia;
- 1986** – Prêmio Fundarte no XXXIX Salão de Artes Plásticas de Pernambuco;
- 1989** – Prêmio Aquisição 11º Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro;
- 1997** – Prêmio Copene de Cultura e Arte, Salvador.





SP-Arte 23 • 29 de março a 2 abril de 2023
Pavilhão da Bienal • Parque Ibirapuera • São Paulo
Stand C2

organização

Thais Darzé
Paulo Darzé

produção executiva

Bruna Sanjuán
Cica Lima

curadoria

Denise Mattar

projeto gráfico do catálogo

P55 Edição

fotografias das obras

Márcio Lima
Sergio Guerini (objetos)

fotografias do artista

página 58: Bernardo Andrade
página 65: Maya Bataglia
página 109: Heric Dehon

textos

Denise Mattar
Décio Pignatari
Claudius Portugal

www.paulodarzegaleria.com.br

 @paulodarzegaleria

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8. Corredor da Vitória - Salvador, Bahia
55 71 3267.0930 / 99918-6205





**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador/BA
CEP 40081-310
71 3267.0930 • 99918.6205
paulodarze@terra.com.br
www.paulodarzegaleria.com.br

